

Trepando aos Montes

Pelo Padre Arlindo Ribeiro da Cunha

EM VEZ DE PREFÁCIO

Sempre me impressionou o cuidado dos investigadores em aproveitar as oportunidades de ver pessoalmente os monumentos e ruínas de antanho, e de ouvir a fala pura e espontânea da nossa boa gente.

Quer fossem arqueólogos, linguístas ou etnógrafos, em vez de se limitarem ao trabalho de gabinete, saíam de casa para subir aos montes e percorrer as aldeias na ânsia de observar por si mesmos.

Nesse tempo em que o estudioso mal se podia deslocar senão a pé ou a cavalo, Martins Sarmiento percorreu o Entre Douro e Minho e Trás os Montes e o mesmo se pode dizer de Leite de Vasconcelos, Figueiredo da Guerra, Gomes Pereira, Mendes Correia, Abade de Baçal, Afonso do Paço, etc., etc.

Li uma vez certa referência de António Tomás Pires a uma usança de Santa Isabel, freguesia perdida nas serranias do maciço geresiano para onde não havia estradas nem caminhos por onde se pudesse transitar com comodidade turística. Vem essa nota etnográfica na Revista Lusitana e datada das caldas do Gerês. Como conheço as distâncias e a insuficiência das vias de acesso, impressionei-me com isso por ver que o glorioso etnógrafo aproveitara uma estadia nessas termas para ir, durante léguas, através de montes e vales, de visita a tão remota aldeia serrana. Para quem ia de Elvas ao Gerês em busca da cura do fígado...

Sabem os leitores, se alguns conservo ainda, que sempre segui, nisto principalmente, o exemplo dos grandes Mestres, de quem aprendi, além do amor à cultura, muito daquilo que ainda não esqueci de todo.

Por isso mesmo se não deve ver nestes ensaios trabalho absolutamente inédito. Após a escalada de cada outeiro aonde subia atraído pelo

nome especial a cheirar a velharias ou pela forma como termina a sua cumeada característica, ia escrevendo e publicando na imprensa periódica as minhas impressões. Rele agora atentamente essas notas, redigidas no decurso de algumas décadas, corrija-as como me foi possível, limpe-as de períodos escusados e completei-as com a ajuda das referências bibliográficas que pude haver às mãos. E aqui está o que me pareceu menos indigno de reaparecer em público.

A revezes é agora mais comedido o modo de dizer e procurei não cair na esparrela de discutir o que os sábios me não puderam ainda ensinar. Não pretendi emaranhar coisas simples e de todos mais ou menos conhecidas com um estendal descabido de erudição. Só me pareceu útil e proveitoso mostrar, aos principiantes ou mal iniciados ainda, que a arqueologia se não aprende como quem, refastelado numa poltrona, se recreia com a leitura dum romance histórico ou dum livro de viagens.

Os Sábios encartados, tanto os da «escritura» como os do exame pessoal de coisas e loisas, se não pretenderem praticar a obra de caridade de me corrigirem, por favor, não percam tempo e feitiço a ler estas páginas despretenciosas.

I. AS RUÍNAS DA FALPERRA

1. PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES

Absorvidas as atenções por problemas possivelmente mais urgentes e vitais, esqueciam-se os Bracarenses das ruínas venerandas do alto da Falperra onde, séculos antes de Cristo, tomara assento a capital dos povos da região.

No século passado, não se ignorava nem eram havidas em menos apreço aquelas antigualhas milenares. Martins Sarmiento (1833-1899), em artigo publicado no *Panorama Contemporâneo*, de Coimbra, entre 1883 e 1884, cita o «Monte de Santa Marta» (Falperra) no número dos «castros» que visitara até à referida data; e Albano Belino (1863-1906), apesar de ter ligado especial atenção à «Cidade Velha» de Santa Luzia e ao «castro» de Monte Redondo onde procedeu a escavações, fala, na página 237 da *Archeologia Christã* (Lisboa, 1900), do monte de Santa Marta das Cortiças, «onde se conservam abundantes vestígios de habitações luso-romanas».

Entre os contemporâneos, o Professor universitário Dr. Carlos Teixeira subiu a Santa Marta do Alto em missão científica e incluiu depois a Falperra no mapa da distribuição dos «castros» dos arredores de Braga, publicado nos *Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense*, Porto, 1936.

Era igualmente conhecida lá fora a estância arqueológica de Santa Marta. Os sábios galegos Florentino López Cuevillas e Joaquim Lorenzo Fernández, em *Cuadernos Gallegos*, II-5, Santigago de Compostela, 1946, e depois em *La Civilización Céltica en Galicia*, Santiago de Compostela, 1953, classificam as habitações de Santa Marta da Falperra entre as de «plantas en angulo».

Apesar de tudo isso, Braga desconhecia o «oppidum» de Santa Marta bem como ainda hoje ignora a sua importância.

Deu-se, porém, em 1953 a feliz ocorrência da celebração do III Congresso Espanhol de Arqueologia, que escolheu a Cidade dos Arcebispos para dois dias e três sessões de estudo.

Posta oficialmente ao correr do projectado, a Câmara Municipal, por sugestão do Vereador do Pelouro da Cultura, convocou para uma reunião

alguns arqueólogos e medievalistas bracarenses, e entre eles a minha pessoa obscura. Pretendia-se mostrar *in loco* aos visitantes estrangeiros a importância da região de Braga na Arqueologia do Noroeste peninsular. Estava assente proceder-se a escavações num dos «castros» que rodeiam a cidade, e a dificuldade só podia consistir na escolha, tantos eles eram.

Havia eu já publicado algumas notas acerca da Falperra na revista *Ação Católica* e nos jornais *Diário do Minho* e *Correio do Minho*. Não era, pois, de estranhar que optasse pelo que ia chamando «*oppidum*»¹ de Santa Marta.

Aceite por todos a minha proposta, começaram os trabalhos em 21 de Maio de 1953, com a minha assistência de todos os dias.

Eleva-se a estância arqueológica a uma cota de 563 metros, e lá de cima se dominam vários «castros» das redondezas. Citânia e Sabroso ficam-lhe aos pés; dos lados, como a constituir-lhe corte de vassalagem, São Miguel-o-Anjo, Monte Redondo, Monte das Caldas, Monte Castro, Monte Espinho, Consolação, etc.

Tem o *oppidum* de Santa Marta forma aproximadamente circular, ou, com mais exactidão, é constituído por dois círculos desiguais e tangentes, sendo o menor incluso e com o arco oposto à linha tangencial bastante elevado sobre o plano do maior.

Foi neste último círculo, na parte virada a Nascente, que se começou a escavação.

Apareceram aqui, a bastante profundidade, além de diversos fragmentos de cerâmica lisa e ornamentada, ombreiras de portas com rasgos para batentes e para aldrabas, uma cornija angular que bem se poderá considerar romana, uma ou outra aduela de arcos certamente da mesma época, um extenso muro perpendicular à muralha exterior e que decerto ladeava uma via de penetração no povoado, um cone de pedra como os que apareceram na Citânia, etc.

A profundidade a que tudo se encontrava e a necessidade de mostrar aos visitantes o mais possível de ruínas descobertas, não permitiram, e foi pena, prosseguir neste ponto a escavação para os lados até se descobrir a origem das cantarias que surgiam a cada momento, nem desentulhar por completo essa entrada no *oppidum*.

No plano superior, tornou-se possível, como se esperava, apresentar mais serviço em menos tempo. Descobriram-se ali compartimentos dum

¹ Aplicada a estâncias como a Falperra, parece-me a palavra *oppidum* mais própria do que o vulgaríssimo *castro*. *Oppidum*, dizem os dicionários, equivale a *urbs*, *cidade*, reservada esta palavra para Roma, cidade por antonomásia. Toda a povoação cercada de muros é um *oppidum*.

TREPANDO AOS MONTES

grande prédio, todos rectangulares, excepto um que é redondo em arco ligeiramente ultrapassado. Confirmava-se, ao que parecia, a referida afirmação de López Cuevillas que classifica de rectangulares as habitações da Falperra.

O espólio, nesse primeiro ano, era bastante modesto, mas não despidiéndose. Além dos fragmentos de cerâmica, com ornamentações que vão da espinha de peixe aos círculos paralelos em sentido horizontal, parecem-me dignos de nota os seguintes objectos:

- 1.º — Um utensílio de sílex que parece ter sido um pequeno raspador;
- 2.º — uma machadinha neolítica, decerto de finalidade votiva;
- 3.º — dois fustes cilíndricos de colunas: um, maior e mais perfeito, em posição vertical; o outro, tombado;
- 4.º — alguns pés de moinho pequenos, de feição castreja; outro bastante maior;
- 5.º — pequenas lâminas de ardósia: uma com a letra E; outra com o n.º XI. Terão servido para cobrir urnas cinerárias;
- 6.º — um *pugio* de ferro e o espigão de cabo de madeira doutro;
- 7.º — uma dobradiça constituída por dois anéis;
- 8.º — o bocal completo duma grande vasilha que mede de diâmetro 0,38 m.;
- 9.º — um fragmento de palmo e meio dum grande vaso de 0,025 m. de espessura, onde se encontram gravadas as letras seguintes: IFFLLOES;
- 10.º — uma moeda de Nerva (96-98);
- 11.º — muitos fragmentos de objectos de ferro difíceis de classificar;
- 12.º — numerosos fragmentos de vasos unguentários de vidro fino.

2. LETRAS E NÚMEROS

Em conversas particulares e algumas vezes por escrito, me tem sido perguntado se, durante as escavações arqueológicas da Falperra, apareceu alguma inscrição mais ou menos elucidativa. Como a resposta interessa a muita gente, não será descabido repeti-la aqui.

Inscrições completas não apareceram ainda, mas não é tarde por a parte escavada ser insignificante relativamente à magnitude do *oppidum*. Não é todavia para se desprezar quanto se descobriu já.

Na Escola do Magistério está um calhau, estela funerária ou ara votiva, rompida pelos séculos e, como serviu de soleira, pelo calçado de

O DISTRITO DE BRAGA

muitas gerações. Não pôde ainda ser decifrada, mas pode ser que um dia o seja com a aplicação cuidadosa da luz rasante.

Um fragmento dum enorme *dolium*, reservatório de água para uso doméstico, apresenta a palavra

IFFLLOES

Não há nem houve mais letras para a direita; pode-as ter havido, porém, para a esquerda, pois a fractura se operou rente ao I.

Há a notar nesta inscrição, que indicaria o nome do proprietário da vasilha, a geminação de ambas as consoantes mediais.

Não me é possível saber a origem dos elementos linguísticos constitutivos do nome. Embora representado em caracteres latinos e muito bem desenhados, não parece oriundo das línguas clássicas. Será, possivelmente, de proveniência indígena.

Pela sua natureza fragmentária, é igualmente impossível decifrar a inscrição duma pedra aparecida no verão de 1954. Percebe-se bem que foi quebrada de monumento maior para servir a diferente aplicação. Só escaparam as seguintes letras:

ROL
DOAV
SDBV

É susceptível a segunda linha de diferente leitura: a mim parece-me um A sem traço a que se livrou o V seguinte. Mas quem dissesse ser antes um N, neste caso um pouco inclinado para a direita, poderia ter razão.

Na terceira linha, é duvidosa a leitura do B.

Têm aparecido em Santa Marta da Falperra bastantes placas de lousa, algumas de avantajadas dimensões. Uma tem gravada uma figura feminina envolvida na toga romana. Outra ostenta a letra E e uma terceira o número XI. Poderão ter servido para cobrir urnas cinerárias.

As *tegulas* são abundantíssimas e estão marcadas com as siglas mais diversas, predominando as figuras circulares. Algumas são marcadas com letras em inciso, entre as quais pude ler:

S — ST — B — XV.

Um grande fragmento dum respeitável *dolium* tem gravado no início do bojo, logo abaixo do gargalo, um D.

Num pedaço de tijolo, rompido de forma que não há esperança de se vir a encontrar o complemento, podem-se ler as letras seguintes:

TREPANDO AOS MONTES

Ai
POC

Têm aparecido na Falperra algumas moedas romanas, utilíssimas para se estabelecer a cronologia da estância arqueológica. As do *oppidum* de Santa Marta vão do século I à segunda metade do século IV. A mais antiga ali aparecido é de Nerva que reinou de 96 a 98. As restantes são de Constantino Magno (308-336) e dos filhos, o mais novo dos quais, Constâncio, ocupou o trono imperial de 337 a 361. Há uma de Etruscila, mulher de Trajano Décio (249-251). Outra de Probo (276-282) e ainda outra de Carino (283-285).

A melhor e mais bem conservada, até hoje aparecida na Falperra, é um bronze de Constâncio Cloro (305-306). Tem no anverso a cabeça laureada do Imperador e a legenda

CONSTANTIVS NOB CÆS

No reverso é a legenda mais extensa:

SALVIS AVGG. ET CÆSS. AVG. TKAR.

Tem a moeda deste lado uma mulher de pé à esquerda com diversos frutos.

A última palavra TKAR está em vez de Kart e quer dizer que a moeda foi cunhada em Cartago, na actual Tunísia. A que vem no catálogo das *Moedas Romanas do Gabinete Numismático de D. Luís I* por A. C. Teixeira de Aragão, Lisboa, 1870, n.º 1.923, está corrigida, mas, na palavra que precede o lugar da cunhagem do numisma, aparece FEL em vez de AVG. O mesmo acontece na 3.577 de *Roman Coins and Their Values* por David R. Sear, Londres, 1970. Constâncio Cloro foi casado com uma princesa convertida ao Cristianismo venerada no Hagiolégio com o nome de Santa Helena. Tem uma estátua em Braga, no ângulo superior do tímpano da igreja de Santa Cruz e esta circunstância confere um valor especial à moeda do imperial marido aparecida no alto da Falperra.

3. CISTERNAS-RESERVATÓRIOS

Várias pessoas me têm perguntado a que tempo remontam as ruínas da Falperra.

Só me foi possível responder que há aí coisas de várias épocas, pelo menos desde o final do neolítico até à época romana tardia. Considero, além disso, certo e fui eu o primeiro a afirmá-lo, em *Restos de*

Igrejas Visigóticas, Braga, 1954, que houve lá em cima, em honra de Santa Marta, uma capela construída antes da invasão mourisca.

Durante as prospecções dos primeiros anos, iam aparecendo, além dum machado de bronze e de variadas moedas romanas, fragmentos cerâmicos de diferentes épocas e nacionalidades. Arrecadaram-se, efectivamente, secções de vasos de barro micáceo, lisos e de ornamentação em SS, de massa grosseira e de finíssima *terra sigillata*, telha romana e tijolos do mesmo tempo.

Em face desses achados em anteriores prospecções, tornava-se indispensável proceder, sem demora, a uma exploração metódica segundo princípios rigorosamente científicos. Foi o que se fez nos últimos anos, e os resultados não se fizeram esperar.

Os briosos académicos, alguns de grau universitário, que amavelmente se prestaram a esse cuidadoso serviço, mostraram-se dignos de admiração pelo seu amor à arte e pelo espírito de disciplina com que sempre procederam. Bem hajam!

Trabalharam em duas zonas separadas. Uns marcaram os quadros segundo o sistema alemão e ... português, e fizeram que aparecesse, sem nada se estragar, tudo quanto neles estava escondido desde há milénios; outros, sem se queixarem do trabalho árduo e cansativo que se lhes atribuiu, puseram-se a desobstruir as cisternas-reservatórios.

Efectivamente, no alto dos «castros», nota-se muitas vezes a existência de minas que, em vez de subirem, descem para o interior, dizendo o povo que eram de os «mouros levar os cavalos a beber» a este ou àquele rio. Trata-se simplesmente de cisternas-reservatórios, indispensáveis onde a água nascente falta em absoluto, como no alto de Santa Marta das Cortiças, ou é escassa em demasia.

Na Falperra há duas, por baixo da penedia lá de cima. A água das chuvas batia nas rochas e, por sulcos artificiais ainda bem visíveis, dirigia-se para os reservatórios ocultos pelos grandes penedos que lhes servem de cúpula.

A entrada, embora a princípio impedida pela abundante vegetação local, era bem perceptível ainda. Desobstruída dos arbustos e pedregulhos, logo se viu a soleira bem definida e uma parede romana, de *opus quadratum*, perpendicular a ela, à soleira.

Na soleira apareceu e limpou-se um rasgo bastante profundo onde se movimentava uma manivela apoiada na parte superior num orifício do penedo. Levou-nos tal dispositivo à convicção de que a água era fechada de noite para a não roubarem, tão preciosa ela era lá no alto da montanha.

Apareceram aí fragmentos de olaria, dos cântaros que iam à fonte e lá deixavam a asa.

O que, porém, causou mais surpresa e quase alvoroço foi o aparecimento, em dias diversos, de três pequenos raspadores de sílex, que, juntos a um encontrado em sítio próximo há alguns anos, nos faz supor

TREPANDO AOS MONTES

que ali houve, nos velhos tempos da pré-história, alguma indústria de couros, mais ou menos rudimentar.

Nos quadrados da zona mais cimeira, surgiram da terra mais duas paredes paralelas às já descobertas nas campanhas precedentes, alguns cilindros de granito que foram fustes de colunas, um capitel de ordem coríntea relativamente bem conservado e numerosos restos de sepulturas romanas de incineração, com fragmentos numerosos de urnas cinerárias e de vidros romanos.

Estes fragmentos cerâmicos e estes vidros estavam envoltos em secções de tégulas e tijolos, em regra situados em nível inferior ao do pavimento das casas, sinal manifesto de as sepulturas de que faziam parte serem triangulares como grande parte das aparecidas há anos na opulenta necrópole de Tarragona e no sopé do Monte da Saia, em Silveiros, concelho de Barcelos.

É impressionante a abundância de sepulturas de incineração na Falperra quando as de inumação, pelo menos até agora, faltam em absoluto. Sabe-se que, embora os Cristãos nunca usassem a cremação dos cadáveres, os Romanos davam um e outro destino aos restos mortais dos seus maiores.

Não posso deixar de referir o grande número de rasgos artificiais observados na penedia de grande parte da montanha. A porção e a forma dessas cavidades dá a entender que foram abertas para o apoio de traves e barrotes. As do alto, as mais próximas da capela de Santa Marta, podem-se explicar pelo levantamento de barracas de comes e bebes por ocasião da romaria, que, como acima se disse, a terá havido desde há mais de mil anos. As que, porém, se encontram nos diversos pontos da encosta terão de esperar por outra explicação.

4. PRIMEIRAS CASAS CIRCULARES

Pouco demorou, quase só duas semanas, a campanha de 73 das escavações arqueológicas da Falperra. Não dera, porém, menos resultados que as precedentes.

Como de costume, os briosos académicos, além dos que desenharam os perfis, lavaram as cerâmicas e classificaram os objectos aparecidos, dividiram-se em dois grupos: continuaram uns a desobstrução das cisternas-reservatórios; foram outros trabalhar nos «quadrados» na acrópole.

Verificaram com pesar os do primeiro grupo que os pesquisadores de tesouros — a tanto obriga a estupidez humana! — tinham feito deruir a parede interior da cisterna de Sudeste identificada no ano precedente.

O DISTRITO DE BRAGA

Deus lhes perdoe como nós lhes relevamos o prejuízo e a crassa ignorância.

Obedecendo às ordens dadas, demandaram os escavadores, e tiveram o prazer de encontrar o acesso primitivo a essa cisterna, a principal daquela estância arqueológica. Era uma pequena calçada seguida de toscos degraus abertos a pico na rocha primitiva.

Reconheceu-se a dificuldade de escavar até ao fundo, até ao pavimento da cisterna, porque os detritos vindos de cima, e o próprio húmus, formaram estratos bem fáceis de distinguir uns dos outros, mas que estão agora em fase adiantada de lapidificação. Como, porém, o difícil também se faz às vezes, dever-se-há tentar o prosseguimento dessa importante tarefa.

No alto, pôs-se a descoberto mais uma ligação entre os compartimentos superiores e os do emaranhado conjunto construtivo da acrópole.

Um pouco mais abaixo, na parte voltada à cidade, prosseguiu a escavação iniciada nos anos precedentes, usando-se, como sempre, a técnica dos «*quadrados*» e obteve-se mais uma vez excelente resultado.

Apareceram mais restos de sepulturas de incineração e o ferro de uma lança sem dúvida romana.

Certamente do mesmo tempo, a julgar pelo feitio e pelo respectivo estrato, deparou-se-nos um peso de rede de pesca, que se veio juntar a mais três encontrados em campanhas anteriores.

Vê-se por aqui que os antigos habitantes da Falperra iam pescar a um rio relativamente largo — nos pequenos ribeiros não se pesca à rede — decerto ao Ave, porque o Cávado fica muito mais longe.

Vinha-se notando, de há muito, a ausência de casas circulares, e isso era de estranhar quando olaria e objectos pré-romanos surgiam a cada passo. Pois este ano apareceram, nesta zona de escavações, duas casas redondas, naturalmente célticas, em nível, já se vê, inferior ao das romanas.

Não se ficaram por aqui os trabalhos da campanha de 1973. Limpou-se de heras, silvas, ervas e tojo o imponente lanço de muralha descoberta nos primeiros anos de prospecção arqueológica; e, além disso, no último dia das escavações, apareceram algumas escóreas de ferro. Como ali junto havia um buraco bastante profundo aberto na rocha primitiva, que poderia ter servido para dar têmpera à ferramenta, será lícito concluir ter ali havido uma forja de ferreiro.

5. VALORIZANDO O JÁ DESCOBERTO

Como nos precedentes anos, também no verão passado, 1974, se procedeu a escavações arqueológicas no alto da Falperra.

Começaram os trabalhos em 21 de Agosto e prolongaram-se, a ex-

TREPANDO AOS MONTES

pensas da Câmara Municipal e da Junta Distrital, por três semanas incompletas. Lá trabalharam, com grande entusiasmo e dedicação, cerca de uma dúzia de estudantes, alguns deles universitários, na forma dos anos anteriores.

Na presente campanha, tratou-se de aliviar uma extensa e alta parede do talude que a furtava à vista de quem se aproximava do cume da montanha.

Os estudantes, cheios de entusiasmo e dedicação, quiseram dispensar jornaleiros e operários: tanto cavariam eles mesmos como conduziriam os carrinhos de terra e de entulho. Chegavam ao fim do dia com bolhas e uma vez ou outra com sangue nas mãos delicadas, mas quem trabalha por amor à arte não se preocupa com essas pequenas coisas.

Como no ano passado, acompanhava os trabalhos *in loco* a finalista do Curso de Ciências Históricas, Dona Maria Margarida Bivar, com a competência, zelo e dedicação de sempre.

Começou-se por abrir, em cada extremidade, um largo sulco de sondagem em sentido perpendicular ao muro que se pretendia pôr à vista. Em breve apareceram paredes até ao presente completamente enterradas.

Do lado Sul, depararam-se-nos dois muros perpendiculares ao edifício central e muito perto um do outro. Não foi possível aprofundar aquilo até aos alicerces, mas ainda assim ficaram as paredes à vista a mais de dois metros de alto. Estão próximas de mais uma da outra para delimitarem qualquer possível aposento. É de presumir que tenham servido para entre elas haver subido uma escada de madeira.

Na outra extremidade do terreno, onde trabalhava outro grupo de estudantes, começou por aparecer o fundamento duma casa pré-romana, olaria micácea, alguns tijolos e fragmentos de *tegula* para ali caídos duma construção vizinha. Levantado esse material, prosseguiu-se a escavação até se atingir o pavimento dessa vivenda. Sobre a terra batida, estavam duas peças de bronze, iguais uma à outra e ornamentadas. Ostentam, em cada uma das extremidades, cabeças de aves com bico aberto.

Apresentam de ambos os lados pequenos círculos duplos concêntricos distribuídos de forma a constituírem triângulos. Parecem ter sido as extremidades dum cinto de couro desfeito pelo tempo. Pela posição estratigráfica, deve remontar à civilização céltica.

O espólio arqueológico, além das paredes descobertas, é bastante reduzido. Ainda assim, temos a considerar:

- 1.º — a secção dum capitel ornamentado com folhas de carvalho;
- 2.º — um polidor;
- 3.º — dois tijolos rectangulares inteiros;
- 4.º — grandes fragmentos de telha de rebordo;

O DISTRITO DE BRAGA

- 5.º — fragmentos de cerâmica micácea;
- 6.º — fragmentos de cerâmica com ornamentação geométrica;
- 7.º — fragmentos de *terra sigillata* hispânica;
- 8.º — fragmentos de vidros de unguentários;
- 9.º — fragmentos de urnas cinerárias de cor escura;
- 10.º — uma moeda romana muito oxidada e por isso ilegível.

Todos estes objectos, compreendidos os fragmentos de olaria, foram recolhidos no museu dos Biscainhos.

II. O MONTE REDONDO, COSSOURADO OU DE SÃO MAMEDE

Ao Sul de Braga, em Guisande, há um monte de forma característica, denominado Monte Redondo.

Não é o nome exclusivo desse outeiro, pois nos Arcos de Valdevez há a freguesia de São Bartolomeu do Monde Redondo, e outras localidades assim chamadas se conhecem em Leiria, Torres Vedras, etc.

Nos documentos medievais, o famigerado outeiro, que o povo denomina ainda de São Mamede, aparece com o nome de *Cossourado*. Isso mesmo se pode ler no *Liber Fidei*: — subtus monte *Cossoirado* discurrente rivulo Arnoso território Bracare; in villa Figueireto sub alpe *Cussuirato* et Santa Marta» — abaixo do monte de *Cossourado*, ao correr do rio de Arnoso, território de Braga; na vila de Figueiredo, abaixo do monte *Cossourado* e do de Santa Marta.

Tal-qualmente como acontece com Monte Redondo, também não é raro o topónimo Cossourado: temos em Barcelos a freguesia de Santiago de Cossourado e em Paredes de Coura a de Santa Maria de Cossourado.

Por detrás da igreja desta aldeia, há um monte chamado *A Cidade*. Tenho de lá uma moeda romana do século III, um denário de Gordiano (222-244).

Em cada uma dessas estâncias, houve uma estação arqueológica, e isso leva-nos a pensar, na busca do étimo respectivo, em qualquer coisa relacionada com as velharias castrejas. Ocorre-nos logo à mente a ideia de *cossoiro*, do latim *cursorius*, sinónimo de *verticillus*, volante do fuso de fiar.

Ao apreciar o livro *Apuntes para la toponimia española* de Hans Janner, também o Doutor Joseph Maria Piel relaciona *Cossourado* com *cursorius*, *cossoiro*, mas, acrescenta, «tomado numa acepção que ignoro». Diz, a propósito, que a palavra lembra «o transm. *cosso* — lugar florido onde pascem abelhas...» e que se podem imaginar outras acepções.

Afirma, não obstante, que a «significação de *cossoiro* averbada pelos dicionários: disco inferior do fuso, não ajuda, evidentemente, a resolver o problema».

Pois a mim me parece que ajuda e muito bem.

Os *cossoiros*, volantes de fuso, abundam nos «castros» e redondezas dos mesmos. É natural, por isso, que a esses montes onde aparecem *cursorii* se dê o nome de (mons) *cursoriatus*, donde (monte) *Cossoirado*.

É esta explicação abonada pelo nome *Telhado*, tanto como Cossou-

rado frequente no sopé dos «castros». Efectivamente nas fraldas do Monte Redondo há a freguesia do Telhado, em 1220 São Salvador de Azões, com o lugar de *Castro* ou «Crasto» e o diminutivo *Cristelo*.

Telhado vem de (*ager* ou *fundus*) *tegulatus*, lugar onde a telha (*tegula*) abunda ou abundava.

È que, perto dos «castros», costumam aparecer pedaços de *tegula* romana, quase sempre restos de sepulturas de incineração.

Na freguesia de Monte Redondo dos Arcos de Valdevez, há também o lugar do *Telhado* que terá a mesma origem que o de entre Braga e Famalicão; em Santo Tirso de Prazins, concelho de Guimarães, onde há um Monte *Castro*, há o lugar de Telhado, *Togulatus*, decerto em vez de *Tegulatus*, em 10 de Maio de 1332; e em Oleiros, do mesmo concelho, outro lugar do Telhado próximo do «castro» de São Miguel-o-Anjo.

Podemos, pois, concluir que *Cossourado* era um monte onde abundavam os *cossoiros* e *Telhado* um sítio onde havia muitas *tegulas*.

Já trepei ao Monte Redondo, de Cossourado ou São Mamede, por duas vezes. Da primeira, apeei-me da viatura no alto da Portela. È o acesso mais suave. Da outra vez, dirigi-me a Celeirós a casa dum Amigo que me levou no seu carro até Guisande. Subimos a encosta e lá chegámos sem novidade.

Percorremos aquelas muralhas e as casas, quase todas circulares, desenterradas por Albano Belino (1836-1906).

E agora, auxiliados da toponímia, podemos tentar a reconstituição duma página da história local.

Quando, no século I antes de Cristo, D. Júnio Bruto chegou ao território dos Brácaros, já o Monte Redondo seria habitado por uma população, certamente céltica.

Não foram os Celtas os primeiros habitantes da região, indubitavelmente já povoada pelo menos desde o fim do Neolítico, como se comprova pelo topónimo Mâmoa das vizinhanças, que é uma espécie de sepultura colectiva anterior à Idade dos Metais.

Os Romanos, ao ocuparem a região, pouco mais ou menos, no século I da nossa era, expugnaram o Monte Redondo e destruíram-lhe as muralhas. A Sul, estabeleceram um acampamento permanente onde hoje é o lugar de *Castro*. Depois, organizaram uma *villa* ou grande empresa de exploração agrária. Podemos ainda hoje supor como funcionaria essa *villa*. O primeiro senhor desse latifúndio, vivia no *Paço*, de *palatium*, e tinha os principais campos na *Agra*. Os cereais eram malhados e secos na *Eira Vedra* e moidos na *Mó*. A rega daquelas terrinhas era garantida pelas águas retidas na Poça e conduzidas pela Cal de Baixo e pela de Cima e pela *Levada*.

Não faltava o vinho naquelas encostas, muito menos no *Bacelinho*.

Se os antigos chamaram *Cossourado* ao Monte Redondo, era por lá haver muitas fiadeiras com o fuso munido dum *cossoiro* ou volante de barro na parte inferior. Naquele tempo, fiava-se quase só a lã que era desgordurada e limpa no *Fulão*.

III. O MONTE DAS CALDAS EM SEQUEIRA

Ao passar a Sequeira pela estrada nacional para Barcelos, reparou o Leitor no monte característico que lhe surge pela direita. Se não é completamente alheio à Arqueologia, decerto formou a intenção de um dia lá subir. Foi o que me aconteceu a mim, e considero-me bem compensado das canseiras e do tempo que gastei.

Da primeira vez que lá fui, subi pela suave encosta dos lados de Gondizalves e fiquei avezado, por se me terem deparado umas três séries de muralhas concêntricas e uma ponta de seta neolítica que trouxe comigo.

Mais tarde, no primeiro de Novembro de 1947, encontrando-me em serviço na igreja paroquial, tive oportunidade de lá regressar, dessa vez com mais demora.

Subi pelas bandas do grande e populoso lugar das Caldas, numa escalada metódica e com o plano determinado de ver e estudar. Ainda a menos de meia encosta, pus-me a olhar os horizontes enquanto examinava os primeiros indícios da mão humana que ali, há milhares de anos, completou a obra da Natureza.

Tive pena de nessa altura não ser capaz de responder, como ainda hoje não respondo, à pergunta que a mim pessoalmente formulei: Como chamariam a esta posição alterosa os primeiros habitantes? *Caldas* não certamente, porquanto esta palavra provém de (terras) *calidas*, quentes, palavra latina, e aquelas muralhas e vivendas foram construídas muito antes da chegada dos Romanos que falavam e escreviam latim.

Desistindo da resposta, subi a festo mais alguns metros e senti que transpunha as muralhas dum *oppidum* respeitável. Começam a aparecer, cada vez em maior quantidade, fragmentos de olaria castreja, e verifico que alguém por ali passou antes de mim e tentou pôr a descoberto quanto resta duma casa circular cujo interior vou observando e donde apanho um fragmento duma grande vasilha de barro grosseiro. E quando me passo para outro edifício, este rectangular com os vértices quebrados em redondo, recolho dois pedaços dum mesmo vaso, de barro fino e rebordo em forma de boca de sino, mas sem as outras características da chamada cerâmica campaniforme. São de barro bem joeirado e cozido no forno.

Subo agora ao afloramento granítico central onde assenta o marco geodésico, e não tenho dificuldade em encontrar covas rupestres, umas

disformes e pouco profundas devido à erosão, outras quase hemisféricas. Num penedo, havia três, dispostas em triângulo: uma aproximadamente com um palmo de diâmetro; as outras bastante mais pequenas.

Ainda hoje se discute a serventia ou significado destes buracos abertos em rocha viva, e eu, já se vê, não posso dizer ao Leitor a última palavra sobre o assunto. Parece-me, porém, que o meu Exmo. Amigo Bouza-Brey está no bom caminho para a decifração do enigma arqueológico no estudo há anos publicado em nossa «*Bracara Augusta*».

Andando cá por cima, de penedo em penedo, vou vendo aonde se estende o *oppidum* das Caldas, que é bem maior e mais importante do que supunha a princípio. Voltado a Braga que nos velhos tempos pré-romanos não existia ainda como cidade, fica a entrada principal da estância arqueológica a olhar para o sol nascente, e desta parte ainda se percebem as três séries de muralhas de estilo. Vêem-se mais abaixo terrenos incultos, mas socalcados, que não devem ter servido a fins agrícolas, mas a estacionamento de gados durante a noite.

Dirijo-me agora para Ocidente, a parte maior e mais importante da povoação castreja. Não é necessário proceder a escavações para que se vejam por aqui casas circulares em abundância: afloram à superfície de onde em onde. Algumas parecem semi-circulares, porque vão morrer na ribanceira vertical que olha para o monte de São Gens e São Filipe.

Os monteiros, gente inimicíssima da Arqueologia, andaram por aqui em busca de pedra já aparelhada e pelo visto fizeram derruir o muro altíssimo que havia desta parte, e isso é testemunhado pela grande quantidade de pedra usada nas construções castrejas, que em baixo se observa.

Depois de lamentar a ruína do muro que deveria ter aproximadamente o dobro da altura do descoberto em Sabroso, continuei a caminhar pela planura além até que me vi no ponto de partida.

Só então compreendi bem a fisionomia da estância arqueológica: é em forma de coroa, um planalto amuralhado, de cujo centro emerge um maciço de rochas graníticas.

As habitações castrejas estavam espalhadas pela coroa circular, embora seja possível que as tenha havido igualmente nos intervalos das rochas do maciço alpestre.

O Monte das Caldas, onde aliás não encontrei seguros vestígios de romanização, é uma estância arqueológica de valor, onde as escavações metódicas e levadas a efeito por processos científicos seriam relativamente fáceis. Se isso não é economicamente realizável, que ao menos os arqueólogos encartados subam uma e mais vezes a encosta daquela montanha e nos comuniquem depois o resultado das suas observações.

IV. O «CASTRO» DA CONSOLAÇÃO

Não me é fácil referir quantas vezes subi ao monte maravilhoso conhecido pelo nome de Senhora da Consolação. Posso, porém, afirmar que, ao descer daquele outeiro de maravilhas, sempre me acompanham novas impressões e até mais simpatia pelos problemas culturais.

Habitado desde a pré-história, lá se vêem ainda um respeitável e profundo fosso defensivo, restos palpáveis de muralhas e numerosos fragmentos de cerâmica, variada na qualidade da pasta e na ornamentação. Muita dessa olaria, velha de milénios, foi há pouco posta a descoberto pela abertura de valas para assentar alicerces de novas habitações.

Mós manuais, grandes fragmentos de tijolos e um ou outro velho objecto de uso doméstico por ali se descobre igualmente a cada passo. Tem sido a linda estância pouco estudada e faltou o cuidado de resguardar, num pequeno museu monográfico, quanto por lá vai aparecendo. Ainda assim, no patamar das escadas para a torre, se acham três pés de moinhos caseiros iguais ou semelhantes aos aparecidos em outros «castros». A um dos cruzeiros da via-sacra que rodeiam a capela, serve de pedestal um capitel de ordem coríntea, de granito da região, decerto proveniente de qualquer templo, páleo-cristão ou visigótico, que por lá existiu. Ficou enterrado ao contrário da posição natural, com a parte mais larga para baixo, e por isso só com uma escavação em redor se poderá estudar convenientemente. Quando se isto fizer, ficaremos com mais um bom elemento para o estudo da história local.

Outro capitel, mais pequeno e de forma diferente, veio lá de cima e foi em boa hora arrecadado no museu do Seminário de Santiago. De secção quadrada, tem um festão em cada face e destinava-se por isso a nada se lhe encostar de qualquer dos lados. Parece medieval e deverá ter rematado um dos colunelos que sustentariam o «cabido» da capela primitiva.

Em geral, nas estações arqueológicas conhecidas pelo nome de «castro» — como a revezes acontece, o lugar de Castro fica mais abaixo e já na freguesia de Tenões —, houve um templo consagrado a uma divindade mitológica, a que, no decorrer dos séculos, sucedeu um santuário cristão. Não sabemos a quem ali prestariam culto os nossos antepassados de antes de Cristo, e desconhecemos igualmente em que século se erigiu a primeira ermida cristã do monte da Consolação. Talvez os dois capitéis referidos acima, combinados com outros elementos que por-

O DISTRITO DE BRAGA

ventura venham a aparecer, contribuam para a solução do enigma.

A capela actual não deve ter sido construída antes do século XVIII, mas é quase certo que outra a precedeu. Na parte interior, conserva esta ainda uma bela cornija de granito, aliás infelizmente cortada quando se rasgou a porta para o recente coro alto.

O retábulo do altar-mor é do estilo D. João V, do fim do período. A imagem da celeste Padroeira é inferior em arte à que veio substituir e existe na sacristia. Está ladeada pelas de São Joaquim e de Santa Ana, ainda dignas de atenção de quem se interesse pela arte.

Embora invulgar na simbologia e nos elementos escultóricos, gostei de ver a imagem de Santo António, com o alforge do pão dos pobres e o Menino Jesus, bem agasalhadinho com um vestido de seda, de pé em cima do livro do sábio Doutor medieval.

O sino do campanário ufana-se da sua origem bracarense, dizendo em bem legíveis caracteres: 1802 / *Joannes Ferreira Lima / me fecit Bracarae* — João Ferreira Lima me fez em Braga.

Ao retirar, vi na sacristia, ao lado da imagem antiga de Nossa Senhora da Consolação, um quadro com as obrigações da Confraria. É pena que agora nem sequer se possa mandar dizer a Santa Missa nos domingos e dias santos de guarda.

Cá fora, depois de contemplar, mais uma vez, o deslumbrante panorama que de lá se desfruta sobre a cidade dos Arcebispos, reparei em mais um cruzeiro da via-sacra. Como o de Santa Eulália de Rio Covo, o de São Torcato, o de Fervença e a de Esturãos (Fafe), apresenta, lavrados em exciso, os instrumentos da paixão do Senhor: escada, coroa de espinhos, tenaz, cravos, dados e martelo. Só lhe falta o galo de São Pedro, que aparece nas outras cruzes referidas.

Braga é opulenta em belezas naturais e em motivos de arqueologia e arte, mas nem por isso recantos como Nossa Senhora da Consolação do Monte devem ser esquecidos nem menosprezados.

V. O CASTELO DE ANÓBREGA

Um notável documento de 1059, do «Livro de Mumadona», transcrito pelo Abade de Tagilde (1853-1912) de *Diplomata et Chartae* para *Vimaranis Monumenta Historica*, enumera, entre as copiosas herdades e igrejas de Guimarães, «*ad radice castro Annofrice*», a *villa Souto* e em Riba de Vade, Zeidão e Vilar; na Portela do Vade, as *villas* de Portela e Covas (de Aboim); e ainda as *villas* de São Pedro e de Oleiros.

Todas estas povoações se podem localizar, inclusivamente Zeidão ou Ceidão, *Zeidam* no documento. São bem suficientes para se identificar, sem receio de erro, o «castro Annofrice», sendo muito provavelmente *Annofrice* um genitivo de *Annofrica* dependente de *radice*.

Efectivamente as Inquirições de Dom Afonso II (1220) incluem algumas daquelas terras e outras das redondezas na «*Terra de Anovrega*»; e as de Dom Afonso III (1258), no «Judicato de Agnofrica», compreendem mais ou menos as mesmas freguesias.

Trata-se, sem sombra de dúvida, do monte granítico situado entre Aboim d'Anóbrega, Azias e Sampriz, a que o povo da localidade chama simplesmente o *Castelo*, por antonomásia, ou o *Castelo da Granja*, e a *Carta Geodésica* de Portugal, citada por Costa Veiga nos *Estudos de História Medieval Portuguesa*, Lisboa, 1936, pág. 65, *Castelo de Aboim*.

No museu da Sé de Braga, há uma elegante cabeceira de sepultura com epitáfio em bom latim que fala de «*Tiofilus Elaneobrigensis*», ou seja Teófilo natural de *Anóbrega*¹.

Elaneobriga é palavra de origem céltica que indica o nome duma cidade desconhecida até ao descobrimento da referida pedra, e essa cidade será precisamente a estância arqueológica do Castelo de Anóbrega.

Efectivamente, considerando-se o *f* em vez do *b* das formas medievais mera variante da glote germânica dos Visigodos e Neogodos, *Elaneobriga* é perfeitamente redutível a Anóbrega. Após a mudança do *e* em *a*, junto de *l* como em *elefante* que ainda em Camões aparece *alifante*,

¹ A leitura completa da inscrição é: — «SEVERVS | REBVRRI | F. TIOPHILVS | ELANEOBR | IGENSIS AN | XXXX . SODALES . FLAVI | D.S.F.C.

O DISTRITO DE BRAGA

se elidiriam as vogais pretónicas *a* e *e*. Depois, com a assimilação regressiva de *l* ao *n*, ficava-nos *Annóbrega*¹.

Voltando à forma primitiva *Elaneobriga* da estela funerária bracarense, temos que essa palavra é composta do antropónimo *Elanius*², nome céltico, e do elemento igualmente céltico *briga*, traduzido por André Lefèvre como «lugar fortificado»³.

Elaneobriga, donde Anóbrega, seria, conseqüentemente a fortaleza de Elânio, sendo este decerto o fundador da praça forte.

Se assim foi, como parece, Anóbrega é uma das nossas poucas estações de origem céltica documentadas desde o domínio desse povo pré-romano.

Depois dos Celtas, vieram os Romanos que dividiram a Península em Províncias, entre elas a *Gallaecia* que tinha Braga por capital e abrangia a Terra de Anóbrega. Como era seu costume, os novos senhores destruíram as muralhas de Anóbrega, transformando a praça primitiva numa cidade aberta.

Os habitantes foram obrigados a descer à planície para cultivar terras que lhes distribuíram e habituaram-se a conviver pacificamente com os dominadores. Alguns chegaram a ser pessoas notáveis como Severo Teófilo, filho de Reburro cuja cabeceira de sepultura se pode ainda ver e admirar no museu da Sé de Braga.

Depois dos Romanos vieram os Suevos e Visigodos, e seguiram-se-lhes os Árabes a quem o nosso povo chamava e chama ainda simplesmente Mouros. Estes não se demoraram por cá, mas os magnates visigóticos retiraram diante deles para as Astúrias e ficou o Entre Douro e Minho, embora habitado pela arraia miúda, praticamente reduzido a terra de ninguém.

Começou pouco depois a Reconquista, e a reorganização do nosso território tomou grande incremento a partir de Afonso III (866-910) das Astúrias.

No século XII, um potentado da região chamado Oorigo Ooriguez construiu para o Rei um castelo no alto do Monte de Anóbrega e Dom Afonso I, em reconhecimento, doou-lhe dois casais reguengos situados no lugar de Penelas da vizinha freguesia de Paço Vedro. Foi isso

¹ O Doutor João de Castro Nunes, em *Cuadernos de Estudios Gallegos* e o Prof. P.º Avelino de Jesus da Costa, em *Addenda et Corrigenda a O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, identificam «*Elaneobriga*» com Lañobre, «sede de uma extinta diocese, mencionada no Concílio III de Toledo». Apesar de Lañobre ficar lá muito longe, na província de Corunha, a opinião dos dois ilustres investigadores não deixa de gozar de probabilidade.

² Parece ter havido mais do que um *Elanius* além do fundador de *Elaneobriga*: em C.I.L., II, n.º 5715, fala-se de *Elanio Veliagu*, de León; e em C.I.L., n.º 5716, de *Manili Araum Elani f. Va.* Cf. Adolf Schulten, *Los Cántabros y Astures y su Guerra con Roma*, Madrid, 1943, págs. 100 e 101.

³ *Les Gaulois*, Paris, 1900, pág. 76.

TREPANDO AOS MONTES

averiguado pelos inquiridores de Dom Afonso II (1220): «*dicunt quod Rex domnus Alfonsus dedit illa (II casalia de Penelas) Oorigo Ooriguez quia fecit illi castellum de Anovrega*» — dizem que o Rei Afonso doou os dois casais de Penelas a Oorigo Oorigues por lhe ter construído o castelo de Anóbrega.

Temos, por conseguinte, os nomes de dois construtores de Anóbrega, embora bem distanciados, por mais de um milénio. Séculos antes de Cristo vir ao mundo, um celta de nome Elânio fundou lá no alto uma povoação amuralhada a que, do seu próprio nome, chamou *Elaneobriga* ou Fortaleza de Elânio. Aí por mil cento e cinquenta anos depois do nascimento do nosso Redentor, um neo-godo chamado Honorigo, filho dum fidalgo do mesmo nome, construiu lá em cima um castelo que ofereceu ao Rei.

Entre um e outro, e talvez antes do segundo e depois do primeiro, vários povos por lá passaram.

Compete à Arqueologia estudar o contributo de cada um para a civilização regional.

A ver se alguma coisa averiguava, trepei lá acima algumas vezes, e dei por bem empregados os meus esforços.

Antes de começar a subida do monte propriamente dito, reparei numa depressão característica que separa o cone granítico da estância do espinhaço da Serra Amarela.

Pareceu-me um fosso defensivo da estância. Quase logo, começam a aparecer fragmentos de cerâmica de várias qualidades e feitios. Notam-se depois lanços de muralhas concêntricas; quase totalmente encobertas pelos usuais taludes formados pelos sedimentos caídos em cima. O caminho de acesso é uma curva bem lançada de Sul a Nordeste onde finda.

Perto do cimo, há, de penedo a penedo, uns muros mais bem conservados que podem ter sido da obra de Elânio.

No alto, tomei fôlego, que bem preciso era, e espraiei a vista desde a fronteira de Lindoso a Santa Luzia de Viana; percorri e examinei a laje cimeira até se me depararem uns rasgos na rocha viva, semelhantes aos observados noutras estâncias arqueológicas. Pedra que enchesse esses caboucos e subisse até formar um castelo ou pelo menos uma torre não a vi por lá nem pude imaginar para onde a pudessem ter levado. Pus-me a imaginar essas circunstâncias todas e conclui ter sido de madeira, como outros, o castelo de Oorigo Ooriguez.

Não foi por isso sobre-humana a obra do nobre fidalgo, mas ainda assim bem mereceu ele os dois casais doados por El-Rei Dom Afonso I.

Uma vez inaugurado esse castelo, ficaram os povos vizinhos abrigados a guarnece-lo, conservá-lo e a sustentar-lhe o casteleiro.

É o que se lê nas Inquirições de Dom Afonso II (1220):

Cada um dos moradores de S. João de Grouvelas deve dar aos casteleiros, no princípio de cada mês, do que tiverem se lho pedirem; os de Santa Maria de Santa Asia (sic) dão ao casteleiro do que tiverem; os de São João de Vila Chã dão vida ao casteleiro; os de Santa Maria

O DISTRITO DE BRAGA

de Covas (de Aboim) dão ao casteleiro uma monda (sic) e o equivalente a um dinheiro por cada homem; os de São Pedro do Vade dão ao casteleiro tanto como as outras freguesias; os de São Tomé do Vade bem como os de Balões dão alguns deles, em cada mês, um dinheiro ou o equivalente cada um.

Casteleiro era o guarda do castelo e não se deve confundir com o senhor do mesmo, que era El-Rei, nem com o donatário da terra de Anóbrega.

O nome deste, dizem-no os linhagistas medievais, deve-se procurar na descendência do nosso já conhecido Origo Origues.

Este senhor, ascendente de muita gente nobre e até certamente de alguns leitores, matrimoniou-se com D. Maria Lourenço da Cunha, dos Cunhas de Salvador de Souto, Guimarães, e de São Simão da Junqueira, de quem teve, entre outros filhos, a D. Pedro Origues de Anóbrega. D. Pedro Origues casou, por sua vez, com D. Urraca Gil, mãe de D. João de Aboim, privado de Dom Afonso III (1245-1279) e um dos nossos melhores trovadores.

É de notar que, a partir de D. João de Aboim, os descendentes de Origo Origues deixam o apelido de Anóbrega para assumirem o de Aboim, decerto por terem erguido paços nesta localidade.

Há efectivamente em Aboim d'Anóbrega, numa encosta sobranceira à grande e rica igreja conventual, umas casas de lavoura com paredes de boa cantaria que denotam uma ancianidade muitas vezes secular. A mais cimeira pavoneia-se ainda hoje com o nome bem expressivo de Torre de Paços-Jus.

Entre as duas habitações e um pouco para Ocidente, ficam as leiras de Paços, tudo isso no lugar do Outeiro e junto da Pica.

Pica, radical de *picota*, era o pelourinho, que, já se vê, devia ficar relativamente perto do Paço dos Senhores daquele nobre e antigo Concelho.

E foi o topónimo *Pica* que induziu em erro a José Augusto Vieira que, na página 587 do I vol. do *Minho Pitoresco*, chama a Aboim d'Anóbrega «couto que foi de D. João de Aboim, rico homem do reinado de D. Afonso III e seu mordomo-mor, que no lugar do Outeiro, junto do Pico de Regalados, teve a sua residência».

Em Regalados, Vila Verde, também havia *Pica*, como o povo ainda hoje diz e muito bem, mas esta *Pica*, bem como a de Montelongo, só é igual no nome à *Pica* de Aboim.

Mas isto já ultrapassa muito o significado da epígrafe do capítulo.

VI. AS ORIGENS DE VIEIRA DO MINHO

Merecia trabalho de fôlego, que não só fugidias notas, esta nobre e antiga região. Que foi habitada na proto-história, atestam-no os numerosos «castros» existentes por ali e as lendas de mouras encantadas ouvidas narrar ao serão pelas velhinhas da localidade.

Um dos «castros» é o de Vila Seca, situado por detrás do Hospital da Misericórdia e aonde chegam as freguesias do Mosteiro, de Pinheiro e de Cantelães.

Subi lá um dia com alguns colegas amigos em ocasião de impertinente chuva miudinha. Mereceram-me então vivo interesse aquelas ruínas venerandas, ainda palpáveis em muitos sítios, e isso excitou a curiosidade e a cobiça dos habitantes da «vila», que, no domingo seguinte, lá treparam a ver se topariam alguns restinhos das riquezas que, diziam eles e elas, lá havíamos desenterrado.

Tendo-me visto com o *Breviário Bracarense* na mão, tomaram-no pelo *Livro de São Cipriano*. Pelo menos, afirmavam, o Padre de Braga, o de sotaina de botões vermelhos, adivinhava tudo: descobriu que as pontas dumas pedras quase de todo enterradas eram uma parede em redondo; e, sem a ter visto, marcou muito certinho o sítio exacto onde estaria — e é que estava mesmo — uma covinha no meio da laje onde assentava a parede circular. Quem nos dera, diziam eles, o livro do tal padre que às vezes anda por aí a subir aos montes e a procurar certos cacos e pedrinhas que vai metendo no bolso e nunca mais ninguém vê. Aquilo, pela certa, é ouro encantado que ele depois reduz ao estado natural.

Revolvendo em suas mentes tal arrazoado, abriram um furo no penedo, enchendo o buraco de pólvora, atacaram aquilo com os cacos por ali espalhados e chegaram fogo ao rastilho. O penedo estoirou com grande fragor e enorme fumarada, mas isso não foi o suficiente para «desencantar a Moura» lá escondida. Nem sequer lhes apareceu um carvãozinho capaz de se transformar em ouro puro...

Pois, não obstante a desilusão daquela boa gente, lá no monte, tão característico e tão fácil de explorar, existiu e trabalhou uma população proto-histórica muito antes de os Mouros passarem pelas cercanias da Cabreira. Atestam-no as covas rupestres, as habitações castrejas, umas mais reconhecíveis que outras e a variedade de fragmentos de cerâmica milenária. Viveram lá os Celtas, construtores das muralhas que abrangem o grande cone granítico em círculos concêntricos, e habitantes das casas circulares.

Os Romanos, decerto antes de rasgarem a estrada através das ser-

ranias da esquerda, expugnaram aquela posição e aí se estabeleceram. Que o monte foi inteiramente romanizado, prova-o a grande quantidade de *tegula* e a cerâmica que por lá se vê em cada sítio sem grande trabalho para a procurar.

Foram sem dúvida os legionários dos Césares de Roma que iniciaram a organização agrária das campinas marginais dos numerosos veios de água que escorre da Cabreira.

E diga-se de passagem que foram estes rios, ribeiros e regatos que deram o nome à terra, pois *Vieira*, nos velhos documentos *Venaria*, deriva de *vena*, veia (de água).

As primeiras terras agricultadas perto do «castro» seriam as de *Vila Seca*, latifúndio com a sede administrativa entre *Cima de Vila e Fundevila*.

Não conheço pormenorizadamente a toponímia local; mas parece-me, ainda assim, que um dos primeiros donos de Vila Seca viveu na Quintã ou nas Quintães e que a *Senra*, da palavra pré-latina *senara*, a seara, foi uma das primeiras campinas a ser cultivadas na localidade, talvez ainda no tempo dos Celtas.

Aos Romanos seguiram-se os Bárbaros: Suevos e Visigodos. É atestada a presença destes povos nos arredores do Castro de Vila Seca pelo topónimo *Cantelães*, de *Cantilanis*, genitivo de *Cantila*, nome estudado pelo Doutor Joseph Maria Piel em *Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa*, Lisboa, 1937, s.v.

Não foi, porém, Vila Seca a única «villa» organizada pelos Romanos no vasto território que hoje constitui a freguesia do Mosteiro de Vieira, pois, perto da igreja paroquial, há também *Fundevila*, e isso supõe outra «villa» em lugar sobranceiro a essa localidade.

As *villas romanas*, embora tivessem continuado com os Visigodos, foram desorganizadas pelos Árabes ou Mouros cujas mulheres e filhas não ficaram encantadas nos esconderijos do monte de «Castro»; mas no tempo da Reconquista, um pressor do século X, *Varoncelus*, decerto próximo parente de Santa Senhorinha, apoderou-se desta região que ainda hoje é conhecida pelo genitivo de posse do seu nome: *Brancelhe*, em 1220 *Barunzeli*, é como ainda hoje o povo chama à sede do Concelho de Vieira do Minho.

Foi a mais de três quilómetros daqui que Santa Senhorinha, filha de Arias Mendes e de Ermesinda, viveu como abadessa do Mosteiro fundado por seus pais no território da paróquia então chamada de São Salvador de Vieira.

Nada resta do mosteiro de Arias Mendes, a não ser, talvez, um capitel historiado, outrora ao Deus dará na sacristia e hoje recolhido em lugar seguro. Apresenta duas aves defrontadas a beber do mesmo vaso.

Durante séculos, coexistiram e funcionaram ao mesmo tempo as duas igrejas vizinhas: a primitiva paroquial do Salvador e a do Mosteiro de São João. Foram ambas reedificadas várias vezes, mas, depois da saída das religiosas, passaram para a do Mosteiro, por ser muito mais vasta, os serviços paroquiais.

VII. O «MONTE DO CASTELO» EM ROÇAS

Em serviço de São Frutuoso, passei há anos, em Abril de 1950, a segunda parte da semana da Pascoela no lugar de Calvos da freguesia de Roças, de Vieira do Minho.

É deveras antigo esse lugar, já assim denominado há 700 anos. Efectivamente em 1258 já os Inquiridores de Dom Afonso III (1245-1279), ao passarem pela «Ecclesia Sancti Salvatoris de Rozis de ultra Avem», perguntaram quantos casais havia em Calvos. Foi-lhes respondido que 28, todos foreiros da Coroa, e isso mostra que pouco aumentou até agora a população daquele pitoresco, mas frio, lugar.

Como é meu costume em semelhantes circunstâncias, pus-me a percorrer e examinar, um a um, os montes e penedos mais característicos das cercanias, e dei o tempo por bem empregado. Numa laje de Penice, examinei uma cova rupestre razoavelmente conservada; e a subida ao Ninho do Corvo revelou-me mais uma vez os estragos dos agentes atmosféricos nas penedias do alto dos montes mais desabrigados. Dizem-me que mais adiante, já perto dos confins de São Nicolau, está um sinal semelhante a um vestígio de pé feminino. Não o pude ver por só me terem dado conhecimento dele depois do regresso à casa onde me aboletara; mas disse-me um amável informador que aquilo foi de Nossa Senhora se apoiar quando subiu ao Céu ...

Interessante é o Penedo Rachado, enormíssimo pedregulho aberto de meio a meio e ainda para mais suspenso dum lado a uma altura terrificante. Não se sente um homem bem debaixo dele.

Nas Palas, há também penedos fendidos ao meio a constituírem vielas, grutas naturais e lapas impressionantes; e até um apreciador da minha sabença em tais assuntos, me perguntou, muito a sério, se aquelas penedias se despedaçaram com a Paixão de Nosso Senhor ou quando morreu São Francisco.

Respondi, sem me desconcertar, que uns racharam antes e outros decerto mais tarde alguns ...anos.

Fica pertinho das Palas o Ovo da Rainha, agora parcialmente calçado, duma banda, pela estrada florestal. É um penedo enorme do feitio de um ovo de galinha, mas erguido ao alto como, no prato, o de Colombo. Tem em cima uma fenda cuja origem me explicaram: andava ali uma moura velhinha a estender ao sol meadas de ouro; nisto, surgiram os inimigos, uns das bandas de Bucos e outros dos lados de São Frutuoso, para fazerem guerra ao Castelo; avistando-os lá de cima, fez a velha

O DISTRITO DE BRAGA

abrir o penedo onde se recolheu com as meadas, ficando lá dentro encantada.

Para a visita ao Monte do Castelo, reservei a tarde do dia seguinte, 13 de Abril. Serviu-me amavelmente de cicerone um rapazito desembaraçado e serviçal, Aníbal de nome, que me ia elucidando de quanto por ali se nos deparava. Tanto conhecia o chamadouro de cada monte ou aldeia das redondezas como me apresentava fragmentos de cerâmica e olaria como os que eu mesmo recolhia do chão.

O monte aonde subia foi um «castro» da proto-história, depois intensamente romanizado. Da idade da pedra, encontrei lá em cima uma linda ponta de lança neolítica; *tegula*, *imbrex* e *later crudus* deparam-se-nos por ali a cada passo.

Covas rupestres são tão numerosas como variadas, apesar do desgaste operado pelo tempo. Das maiores e mais regulares, dizia o meu expedito cicerone que eram de os Mouros beberem. Das circulares, uma me prendeu especialmente a atenção. Quase perfeitamente hemisférica, tem no fundo uma cavidade aí duns três centímetros de diâmetro e de muito maior profundidade. É semelhante a uma do Couto de Celtigos descrita por A. Garcia y Bellido na pág. 8 do vol. LXXVI da *Revista de Guimarães*.

É mais uma confirmação da finalidade funerária desse monumento e dos congéneros. Destinar-se-iam a conter as cinzas dos mortos da localidade. Seriam esses restos mortais umas vezes lançados directamente na cova para isso aberta na rocha. Assim parece ter sucedido numa que o meu saudoso colega e amigo, Padre João Vaz de Amorim, descobriu em Trás os Montes ainda por violar e com um opérculo característico que me mostrou, mas outras vezes poderiam essas cinzas ser encerradas em urnas ou vasos especiais metidos em seguida em tais covas. É isso explica o nome do «Penedo das Pucarinhas» (antigo *calumbarium*?) em Garfe, Póvoa de Lanhoso, e o do Monte dos Pucarinhos aqui em Braga onde construíram o Bairro que se chamou de Duarte Pacheco. Pois a cova rupestre que examinei detidamente e esvaziei no Monte do Castelo em Roças era de molde a conter uma pequena ânfora de fundo alongado como costumam ser as romanas.

No alto, sem a menor sondagem, aparecem à superfície abundantes e variados fragmentos de cerâmica castreja, restos de *sigillata* hispânica, de *tegula* e *imbrex*, enfim, sinais inequívocos de romanização.

Para dizer alguma coisa de quanto vi das três vezes que trepei lá acima, não posso deixar de referir a «mina dos Mouros». Com a singularidade de abrir entre dois penedos talhados a prumo, é no resto parecida com as de Briteiros, Falperra, Roques e Chacim, para só falar das de mim conhecidas pessoalmente e que agora me ocorrem. Muito costeira e a beber para o interior, não é a entrada dum caminho subterrâneo por onde os Mouros, como diz o povo, em ocasião de cerco, levariam os cavalos a beber, mas deve ter relação com uma cisterna reservatório que ali não poderia faltar.

TREPANDO AOS MONTES

O meu amável cicerone, fazendo-se eco do bom povo da localidade, explicou-me o assunto pitorescamente:

Cá em baixo, no lugarejo da Fonte, havia um lavrador dono duma vaquinha gorda e linda como um amor. Sempre à noite recolhia ao curral com os úberes cheios; mas, era certo e sabido, de manhã tinha-os vazios como se os bezerros ou alguém a desleitasse. Reparava no caso o lavrador e pôs-se à espreita. Certa noite, ouviu-se na porta forte marrada e apareceu cá fora a rica vaquinha. Destemido e animoso, agarra-se o homem à cauda da vaca e lá vai, levado por ela, pela encosta do monte até à boca da mina onde não puderam parar. Desceram por lá abaixo, desceram, desceram. Só pararam num largo subterrâneo onde havia uma grande manjedoura com a erva e a hortaliça mais apetitosas para uma vaca faminta se deleitar. Enquanto o bicho comia, duas mouras, vestidas de branco como noviças de Ordem observante, trataram de a mungir para um tarro de ouro. E o homem, agora a tremer de pavor, sempre seguro à cauda do animal. Só o deixaram regressar a salvo com o juramento solene de nunca impedir a vaquinha de lá ir todas as noites deixar o leite a troco dum fartote de erva fresca.

Decerto proveniente lá de cima, deu há pouco entrada no museu dos Biscainhos uma estátua antiga que tornei conhecida do público por meio duma nota publicada no *Correio do Minho*. Estava no sopé do Monte do Castelo, perto de Lamedo, numa propriedade da Família Samedo. Muito diferente das conhecidas estátuas galaicas, não é sequer romana e poderá ser de origem castreja; mas a sua classificação cronológica espera ainda por um exame atento e cuidadoso.

De granito da região, tem o pescoço atarracado, veste cota de malha e está com as mãos cruzadas diante do peito na atitude de quem segura uma lança.

Não resta, porém, dúvida de que no Monte de Calvos funcionou ainda um castelo na Idade Média com o respectivo direito de anúduva. Dizem-no os Inquiridores de Dom Afonso III (1258) que reconhecem a obrigação de *irem ao castelo* os habitantes das aldeias vizinhas de Gondarém, Bucos, Vila Boa, etc., etc.

Recentemente, depois da minha última subida ao Monte do Castelo, foram lá escavar uns pesquisadores de tesouros, que, entre outras coisas, acharam: duas moedas romanas, sendo uma de Públio Carísio, Legado de Augusto; a *ansa* duma *situla*; e a cabeça da estatueta de bronze duma divindade pré-cristã. Foram estes objectos proficientemente estudados nas páginas 77-82 do vol. I da *Revista da Faculdade de Letras* — Série de História, Porto, 1970, pelo Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

Merece referência especial o bronze de Públio Carísio.

No moedário peninsular, aparece Carísio com os títulos de LEG. PRO. PR. = Legado Pro-Pretor; e LEG. AVGVSTI = Legado de Augusto.

O DISTRITO DE BRAGA

O numisma encontrado no Monte do Castelo de Calvos, Roças, Vieira do Minho, é igual ao descrito com o n.º 609 por Teixeira de Aragão:

«August. Cabeça nua de Augusto, à direita.

R. P. Carisi Leg. Victoria coroando uns tropheus».

Igual também à moeda descrita, com o n.º 402, por David R. Sear, *Roman Coins and Their Values*, Londres, 1970.

Recolhida do Monte da Saia, Barcelos, pelo Rev. Cón. Doutor António da Costa Lopes, que generosamente a cede para o Museu Regional de Braga (Biscainhos), está confiada à minha guarda uma outra um pouco diferente:

Anverso: Cabeça nua de Augusto à direita, com a legenda, bastante oxidada e por isso de leitura pouco segura: *Trib. Potest. Caesar August.*

Reverso: P. CARISIVS
LEG
AUGVSTI

Deste lado, a leitura é seguríssima e igual à do n.º 411 de *Roman Coins de David R. Sear*.

Sei que apareceu uma outra em S. Fins de Ferreira, mas não a vi e por isso não a posso descrever.

Encontrou-a o saudoso Afonso do Paço (1895-1968).

Fazendo eu parte dum grupo de visitantes a quem o sábio arqueólogo mostrava as imponentes ruínas da estância, apontava ele para uma entrada violentamente destruída onde encontrara carvões ossos humanos e uma moeda de Públio Carísio. Ia ensinando: Como diz Dião Cássio, os povos do Noroeste, por causa da crueldade de Carísio, revoltaram-se e os Romanos, para submeterem de novo esta cidade, entraram por aqui. Estava por trás do Mestre e, ouvindo falar em Públio Carísio, intervim: Também possuo uma moeda de Carísio. Voltou-se para mim com certo alvoroço e perguntou: — Onde apareceu? — No Monte da Saia, respondi. — Pois isso, acrescenta ele, é prova de que os do Monte da Saia aderiram à conjura.

Agora, acrescento eu, se, como parece, a observação de Afonso do Paço era justa, também os do Monte do Castelo de Calvos, resistiram enquanto puderam às hostes de Públio Carísio, Legado de Augusto.

VIII. O CASTELO DE COVIDE

Falam as Inquirições de Dom Afonso II (1220) de «tota terra quam judicat Pelagius Pelagii judex de Boiro», de toda a terra que julga Paio Pais juiz de Bouro.

Era extenso esse julgado, pois compreendia quase todo o actual concelho de Vila Verde, todo o de Terras de Bouro, todo o de Amares e ainda, do de Vieira, as freguesias de São João da Cova e de Parada de Bouro.

A sede devia ser no castelo do mesmo nome, localizado já, duma forma genérica, pelo saudoso Coronel A. Botelho de Costa Veiga na página 68 de *Estudos de História Militar Portuguesa*, Lisboa, 1936.

Há, porém, ainda muito que desvendar acerca da exacta localização desse famoso alcácer que, como adiante se verá, seria de madeira.

Há anos, aproveitando a demora duns dias bem passados em Covide, trepei, na companhia dum afoito pastorinho, ao Monte do Castelo, a que lera repetidas referências em *Portugaliae Monumenta Historica* e nos referidos *Estudos de História Militar Portuguesa*. A não ser que se trate doutro Monte e doutro Castelo, como é, não só possível, mas até provável.

Fica lá muito em cima, sobranceiro ao caminho que segue para Santa Isabel; é asperamente varrido do vento norte e pode-se dizer uma das elevações mais agrestes do Minho. Mas lá fui trepando, com a ajuda e o estorvo do vento que me açoitava furiosamente.

Não me detive muito tempo a rebuscar sinais rupestres, tão profundas e desfigurantes eram as avarias produzidas em tão informes rochedos pela erosão eólica. Rodeei pelo Oeste o maciço pedregoso e atingi a cumeada pela Chã que medeia entre o «Monte do Castelo» e o já meu conhecido «Monte Castro» de Santa Isabel.

É por aqui mais suave a escalada e parece ter sido este o caminho antigo para o monte fortificado. Lá em cima, são numerosas e variadas as lapas ou grutas naturais e ainda se não desvaneceram com o tempo os restos deixados pela indústria humana.

Em alguns pontos, vêem-se ainda sinais das muralhas interiores que ligavam as penedias umas às outras e, por ali dispersos, calhaus como os que costumam formar as paredes das habitações castrejas. Fragmentos de cerâmica pré-romana eram bastante raros, mas não de todo inexistentes; mas também lá vi e examinei pedaços de *tegula* e de *imbrex*, sinais manifestos de romanização.

O DISTRITO DE BRAGA

Compreende-se a presença dos Romanos naqueles sítios, porque dessa formidável eminência se domina, em grande extensão, a via militar chamada do Geira que se dirigia a Astorga, cidade, como pretende Adolf Schulten, fundada por Augusto, tal-qualmente como Braga, e por isso denominada *Asturica Augusta* como a nossa cidade se chamou *Bracara Augusta*.

O «castro» começou, porém, em tempo pré-romano, como se comprova até pelas covas rupestres que por lá se vêem.

Sei tanto de estratégia militar como de línguas mongólicas, mas leio, no mapa n.º 2 do citado livro do Coronel Costa Veiga, que o monte constituía o vértice mais interior dum triângulo defensivo fronteiriço cujos lados iam findar, respectivamente, na Portela do Homem e na da Amarela; e sabe-se, além disso, pelas actas das Inquirições de 1220 e 1258, que houve por ali um «castelo» medieval de relativa importância.

Mas onde seria a situação exacta dessa fortaleza medieval? No sítio preciso das ruínas pré-históricas e romanas bem me parece que não. Pelo menos, não encontrei ruínas desse castelo, nem ao menos, como em Anóbrega e Bastuço, os rasgos abertos na rocha onde a fortaleza assentasse.

Parece-me por isso que o Castelo de Bouro ficava num dos flancos da montanha, decerto no sítio a que ouvi chamar a «Encosta de Cuba, sabendo-se que a palavra *cuba*, significa castelo em árabe.

É curioso ver as obrigações, em 1220, relativas ao castelo de Bouro, dos habitantes das freguesias circunvizinhas. Os de Rio Caldo, Vilar e Chamoim eram obrigados, ao menos quando o casteleiro a isso os convidasse, a guarnecer o castelo; mas Chamoim, além de defender a fortaleza, tinha algumas famílias encarregadas de a reparar ou refazer (*facere castellum*).

Os de Carvalheira e de Covide, como mais vizinhos, tinham obrigações bastante onerosas. Os primeiros podiam ser constrangidos a guarnecer o castelo; e, como se isso não bastasse, ainda deviam sustentar o mordomo real e o casteleiro tão lautamente como a si mesmo: *dant vitam maiordomo qualem tenerent et ad castellarium*.

Donde se vê que o casteleiro não vivia sempre no castelo só guarnecido em caso de emergência.

Em 1258, no tempo do Rei Bolonhês, aparecem também, com o dever de ir habitar como guarnição o castelo de Bouro, os de São João da Balança, os do casal do Barreiro de Moimenta e os de São Silvestre de Freitas.

Neste mesmo tempo de Dom Afonso III, as famílias dos descendentes de D. Gonçalo Peres, da Carvalheira, deviam morar no castelo e guardá-lo, e todos os habitantes desta freguesia eram obrigados a levar para lá tábuas e outras madeiras, e a fazer o tabuado e as escadas; ao passo que os de Covide hão-de morar no castelo.

A referência às tábuas, madeira e tabuado insinuam pelo menos, ou fazem mesmo supor, que as paredes do castelo eram de madeira.

IX. O MONTE DE SÃO MIGUEL DE BOURO

Quem, por qualquer motivo, se digna subir ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia e olha para a direita, no sentido de Sudeste, vê alvejar, lá no alto, a ermida de São Miguel, no cimo dum monte onde não só os séculos mas até os milénios deixaram rastros indeléveis da sua passagem.

Bem merecia aquele outeiro granítico e escarpado que os arqueólogos e os medievalistas lhe concedessem a graça das suas atenções.

O acesso ainda só conhece o natural transporte das duas, mas a deslocação é bem compensada pelo que se observa da natureza e da arte.

É indiscutível que já ali viveram populações pré-romanas. Atestam-no as numerosas e variadas covas rupestres que por lá restam e os abundantes fragmentos de cerâmica castreja ali à vista de toda a gente.

Das covas rupestres, algumas em fase adiantada de erosão eólea, as mais impressionantes, ao menos para mim, são umas grandes e profundas lá do alto, muito semelhantes às daqui de Espinho, do sopé do monte de Alfarela. Penso, como aliás muito boa gente, que essas covas abertas na rocha viva se relacionam com sepulturas de incineração; mas, para se dizer a última palavra acerca delas, muito há ainda que estudar.

Esse estudo é urgente, pois esses sinais rupestres vão desaparecendo de muitas maneiras. Aqui mesmo, no alto do monte de São Miguel de Bouro, se muitas chegaram até nós, outros se foram com a construção de ermitérios e de capelas, com monumentos e seus gradeados, cruzeiros, etc.

Abundantes sinais de si mesmos, deixaram igualmente os Romanos no monte de São Miguel. Tropeçam por ali a cada passo os nossos pés em grandes fragmentos de *tegula* e em *later crudus* ou tijolos simplesmente endurecidos ao sol.

Numa planura lá de cima, situada logo abaixo da penedia mais cimeira, há a bouça de *Cidadelhe* cuja etimologia é o latim *Civitaticula*, *cidadezinha*. Aqui cidade, do latim *civitatem*, derivada de *civis*, o cidadão, não significava aglomerado de casas, mas uma circunscrição administrativa, quase como os nossos concelhos.

E *civitas* ou *civitaticula* era a sede da administração de cada território. Ainda hoje, aqui no Distrito de Braga, temos alguns concelhos

O DISTRITO DE BRAGA

cujas sedes, que aliás nem sempre foram as mesmas, nada têm que ver com o nome de cada uma dessas circunscrições administrativas. Estão neste caso Vieira do Minho, Terras de Bouro, Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto.

É a esta luz que se devem entender as palavras de C. Plinius Secundus quando atribui 24 *civitates* ao *Conventus Bracaraugustanus*.

Bem sei que nem todos acreditarão, mas, apesar da incredulidade de três dos quatro meus prováveis leitores, inclino-me a supor que a sede da administração duma dessas 24 *civitates* foi a referida planura da encosta do monte de São Miguel de Cidadelhe.

Com os elementos fornecidos pela arqueologia e pela toponímia, ficaram-nos os mais antigos, mas, ainda assim, seguros meios de estudo do monte de S. Miguel.

Temos agora um tempo falho de alguns séculos antes do aparecimento da História propriamente dita.

Esta começa em 13 de Dezembro de 1153 quando Dom Afonso I (1111 ?-1185), ainda simples Conde, faz uma doação ao Abade D. Nuno e aos Frades que moram no «mosteiro de São Miguel de Bouro».

Antes da fundação do mosteiro propriamente dito, o monte de São Miguel deve ter sido habitado por anacoretas solitários e por ermitões de hábito preto, como se vê pelas imagens da capela, que decerto substituíram outras mais antigas, da invocação de São Jerónimo, o eremita da gruta de Belém e tradutor da regra de São Pacómio, e de São Plácido, este um dos primeiros companheiros do santo Patriarca São Bento.

O resto consta da história do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, de que vou preparar a 2.^a edição.

X. NO CASTELO DE LANHOSO

Quem de Braga segue para Chaves ou Cabeceiras, depois de passar a Serra do Carvalho, começa a ver ao longe o arrogante rochedo, onde se mostra o histórico castelo de Lanhoso.

Quem não leva muita pressa, deve sentir tentação de parar uns instantes e ir lá acima. Foi o que eu fiz por várias vezes. Se a viagem é de recreio, pode-se apeiar no lugar do Horto e subir até ao alto. O estudioso deverá ir a pé, umas vezes por aí mesmo e outras por uma larga escadaria que começa por Sudoeste.

Perto do princípio da subida, há uma fonte abundante de mergulho que deve ter sido utilizada pelos habitantes da estância arqueológica. Esse caminho, com a respectiva escadaria, parece relativamente moderno, mas deve ter sucedido a outro mais velho de alguns séculos.

Antes de começar a subir, recorde o alpinista que na sua retaguarda passava uma via romana, de Braga a Astorga, por *Salacia* e *Aguas Flavias*, e que, aí mesmo onde se encontra, existiu a igreja de São Paio de Arcozelo. É o que se pode jurar à fé do Rev.º Doutor Avelino de Jesus da Costa que o afirma e documenta na sua obra verdadeiramente monumental *O Bispo D. Pedro*.

Arcozelo era um monumento fúnebre, em forma de arcosólio, que os antigos levantavam ao longo das vias públicas, para sepultura dos seus maiores.

Agora vamos para cima, dispostos a sentir grande emoção histórica por termos de examinar relíquias venerandas de pelo menos quatro civilizações: céltica, romana, medieval e moderna.

Dos tempos pré-romanos, vê-se ali uma bem redonda e profunda cova rupestre, larga de quase um palmo de diâmetro. Domina o vale do Cávado em grande extensão e olha para os «castros» de Penaprovíncia, de Santo Tirso e de São Mamede.

Depois desse significativo gravado, prendeu-me por momentos a atenção um muro de aspecto antiquíssimo, de pedra miúda como a usualmente empregada nas construções castrejas.

De fragmentos de cerâmica antiga não fiz grande caso, uma vez que ela abunda em todo o perímetro da estância arqueológica. Os trabalhos da estrada que do outro lado conduz ao cimo puseram a descoberto uma importante povoação pré-romana. Lá estão à vista casas redondas como as de Briteiros, algumas delas com a antecâmara respectiva, e todas a princípio com o pavimento coberto de restos de olaria velha de milénios.

O DISTRITO DE BRAGA

Nem todo esse precioso material de estudo é fragmentário, pois um bem interessante vaso, de pequenas dimensões, mas de pasta de argila bem joeirada, feito ao torno e de elegante perfil, deu entrada, há poucos anos, no museu do Seminário de Filosofia, e é, me parece a mim, a única vasilha inteira chegada até nós vinda de lá. Do mesmo tempo, naturalmente célticos, são dois *torques* de filigrana e ainda um capacete de bronze.

Figuras de pedra, há uma estatueta decapitada representando um homem numa cadeira de braços a apoiar as mãos nos joelhos; e, além disso, a figura dum guerreiro esculpida numa rocha.

E é, a bem dizer, quanto resta a respeito do pré-romano de Lanhoso. Veja-se, porém, o trabalho do Professor Doutor Carlos Teixeira, *Notas arqueológicas sobre o castro de Lanhoso*, Porto, 1940; e o n.º 20, Setembro de 1942, do *Boletim dos Monumentos Nacionais*.

Como no sopé do rochedo onde viveram populações pré-romanas, passava uma importante via de penetração, de admirar seria que os Romanos houvessem traçado essa estrada sem previamente haverem expugnado a povoação céltica para nela se estabelecerem. Efectivamente, historiadores modernos, louvando-se em Pinho Leal, afirmam ter ali havido uma lápide com a legenda: «Crastinus aedificavit». Essa pedra, se existiu, perdeu-se, decerto para sempre, mas subsistem ainda sinais indeléveis da existência dos Romanos no *oppidum* de Lanhoso. Além da frequência de *tegula* e respectivo *imbrex* e de cerâmica da mesma procedência, há no alto bases de construções rectangulares da tipologia das usadas pelo Povo-Rei; e, mais inconfundível que tudo isso já de si suficiente, há ainda uma ara votiva que eu mesmo encontrei no interior do castelo.

Após os Romanos, ali devem ter vivido os Suevos e os Visigodos. Temos, porém, de dar um salto até ao princípio do século XII em que nos surge a Rainha Dona Teresa.

Viveu lá esta Princesa durante algum tempo, ali firmou um tratado de paz com a irmã Dona Urraca, para ali se retirou após a derrota de São Mamede e dali partiu para Além-Minho.

É realmente a mãe do nosso primeiro Monarca inseparável da história do Castelo de Lanhoso. Ela o mandou construir ou pelo menos reedificar. É o que se lê numa inscrição latina existente na parede da esquerda de quem entra no histórico alcácer: *praeceptis Therasiae posui* — assentei (este castelo) cumprindo as ordens de Teresa.

E o castelo altaneiro, lá foi continuando, qual sentinela vigilante, durante séculos, a mostrar-se ao longe e ao largo. Mas não sofreu somente os malefícios inevitáveis do decorrer das centúrias.

No último quartel do século XVII, um rico comerciante das cercanias mandou erigir a igreja da Senhora do Pilar. O novo santuário, tornou aquelas ruínas histórico-arqueológicas mais conhecidas, mas as paredes e abóbadas das modernas construções foram feitas com a pedra do velho e histórico castelo.

XI. O CASTELO DE VERMOIM

No decorrer dos tempos, sofreu a divisão territorial do País profundas modificações; e terreolas que hoje são modestas aldeias foram outrora sedes de circunscrições administrativas conhecidas pelo seu próprio nome.

É o caso de Vermoim.

Foi o nome desta velha terra objecto de estudo de dois grandes filólogos: o saudoso José Leite de Vasconcelos e o Dr. Joseph Maria Piel, este felizmente ainda vivo.

O primeiro vê o étimo do curioso topónimo em (*villa*) *Vermudini*, ao passo que o outro, parecendo negar a existência de *Vermudinus* e respectivo genitivo, explica *Vermoim*, trissílabo, por intermédio de *Vermudi*, *Vermui* com a normal elisão do *d* intervocálico. *Vermúi*, dissílabo com acento no ditongo *úi*, como os mais velhos da localidade ainda hoje pronunciam, estaria no caso de *muito* que se lê *múinto*. Um hiper-urbanismo explicaria a passagem de *Vermúim* a *Vermoim*.

Parece que, além da pronúncia popular, os documentos dão razão ao Doutor Piel. Com efeito, o inventário das herdades e igrejas de Guimarães, datado de 1059, fornece-nos uma informação preciosa. Diz que «*ad radice castro Vermudi villa Froilam integra per suos terminos antiquos et cum ecclesia Sancto Salvador e Sancta Maria*»: no sopé do Castelo de Vermudo, toda a *villa* de Froiã, pelos seus antigos limites e com a igreja de São Salvador e Santa Maria.

Trata-se evidentemente do nosso Vermoim. Perdeu-se, salvo erro, o topónimo Froiã ou Fraiã, mas a esse latifúndio medieval poderá corresponder à quinta de Vilar que, começando a meia encosta do monte onde tem a sede, desce até à planície. Junto de Vilar ficava a igreja velha que terá sido a igreja ou freguesia de São Salvador. Quanto à igreja de Santa Maria, ainda hoje é a paroquial de Vermoim. Completamente reedificada no século XVIII, conserva o mesmo Orago e possivelmente o mesmo lugar.

Parece-me todavia que, antes da invasão islâmica, houve na localidade outra igreja, chamada de Santa Cristina. Pelo menos é este o nome dum sítio sobranceiro à nobre Casa da Breia (de *vereda*?) e perto das ruínas castrejas, onde não há ao presente sinais de igreja nem de capela.

Nas cercanias do Castelo de Vermoim, há indícios duma estação arqueológica pré-romana depois romanizada. Foi isso observado por quantos arqueólogos lá subiram antes de mim. Martins Sarmiento e Má-

O DISTRITO DE BRAGA

rio Cardoso falam duma pedra lá aparecida e levada depois para o museu de Guimarães. Notaram-lhe ornamentação idêntica à da celeberrima «pedra formosa» e supõem-na pertencente a um monumento semelhante aos que devem ter existido em Briteiros, Sabroso e no Monte da Saia, este em Barcelos. Duas outras pedras de ornamentação curvilínea e geométrica à maneira castreja, agora em Braga, no museu do Seminário de Filosofia, tinha-as eu visto e examinado numa quinta das cercanias do Monde do Castelo de Vermoim.

No pouco tempo de que dispunha quando trepei ao alto do monte, não pude identificar bem as muralhas, terraplenos, taludes nem as construções primitivas; mas ainda assim descobri covas rupestres, isoladas e em grupo, e consegui encontrar e trazer comigo fragmentos de olaria micácea semelhantes aos encontrados em Barbudo, na Falperra e em outros «castros» que visitei.

Que esse velho «castro» foi depois romanizado, prova-o a telha de rebordo nitidamente romana que lá se encontra.

Da época seguinte, isto é, do tempo dos Suevos e Visigodos, serão umas sepulturas rupestres trapezoidais que tive o gosto de examinar numa laje situada no meio dum campo no lugar do Quintal. Estão à vista, no todo ou em parte, umas quatro ou cinco, algumas ainda com o rasgo superior onde assentaria a lousa tumular; mas parece-me que haverá mais debaixo do entulho que cobre parcialmente o lajedo. No interior de duas, vão-se prender as arriostas que seguras uveiras; e isso pode levar à destruição desses interessantes monumentos se os arqueólogos encartados da região não tomarem as devidas providências.

Voltando ao alto do castelo, é de crer que os invasores Suevos e Visigodos aproveitassem em parte, para as afeiçoarem à sua moda, as edificações romanas; mas pode ter acontecido que os Árabes, na sua arrancada violenta até às Astúrias, tenham ladeado e não expugnado esse e outros castelos igualmente de difícil acesso.

Assim se explicará que essas fortalezas, aliás sem aglomerado populacional envolvente, nos apareçam, logo no princípio da reconquista, a senhorear e denominar vastos territórios. Vermoim, por exemplo, em 1220 era a sede da *terra* do mesmo nome que abrangia 65 freguesias hoje distribuídas pelos Concelhos de Vila de Conde, Póvoa, Famalicão, Santo Tirso e Guimarães; mas já dois séculos antes, em 1016, como se lê na *Chronica Gothorum*, sofreu um violento ataque dos Normandos a quem impediu de marcharem contra o Mosteiro e Castelo de Guimarães. Mas isto não é assunto para poucos vagares.

XII. O MONTE DE SÃO SIMÃO EM COSSOURADO

Como é do conhecimento do Leitor amigo, abunda o topónimo Cossourado por esse País além: estende-se da Galiga a São Pedro de Lourosa e a Leiria, pelo menos, e é de notar que anda sempre ligado a montes onde há antigualhas de origem romana.

Não foge à regra o Cossourado de Barcelos, a que já se refere Martins Sarmento, na página 84 de *Dispersos*, Coimbra, 1933.

Muito antes do nascimento do grande sábio vimaranense, já um documento de 1079, dizia textualmente — «uilla Goterre subtus mons Cossourado riba Nevia», que é como quem diz: — a vila de Goterre abaixo do monte de Cossourado em Riba Neiva.

O referido sábio, na página 83 do citado livro *Dispersos*, a propósito de *Os Marcos Miliários de São Bartolomeu de Antas*, refere-se a Santa Maria de Cossourado de Paredes de Coura e informa a seguir que no «concelho de Barcelos há outro monte Cossourado com ruínas do mesmo carácter das do homónimo de Coura». Dele nos ocuparemos agora.

Assim como estive, por duas vezes, em Cossourado de Paredes de Coura e igualmente no «castro» de Cossourado aqui de Braga, subi também, há cerca de uma dúzia de anos, ao monte de São Simão da freguesia de Santiago de Cossourado do concelho de Barcelos. Não achei aqui, nessa rápida visita, cossoiro nenhum, nem, a bem dizer, apreciáveis exemplares de olaria característica, mas ainda assim se me depa-raram alguns fragmentos de cerâmica castreja. O que vi e examinei com mais atenção foram muralhas antiquíssimas, concêntricas e relativamente bem conservadas embora encobertas pelo talude formado pelos sedimentos caídos dos pontos mais altos.

Não sei nem será possível averiguar quando principiou ali, no cimo daquele outeiro, o culto de São Simão. Seria logo nos primeiros tempos da evangelização regional. Poderia ser até que o Santo, aliás venerado noutras estâncias congêneres, houvesse sucedido a qualquer divindade pré-cristã ali adorada pelos Celtas e depois pelos Romanos.

É, porém, indiscutível que a celebrada montanha se conhece pelo nome de Cossourado pelo menos há novecentos anos. Que mais não fosse, provava-o o documentos acima referido.

Cossourado era, pois, o monte cujo nome se estendeu depois a toda a freguesia. Como já sabemos, deriva a palavra de *cossoiro*, oriundo este vocábulo do latim *cursorium* que vale o mesmo que *verticillus* e significa volante de fuso.

O DISTRITO DE BRAGA

Para se verificar, com os próprios olhos, como isso funcionava, é suficiente abrir a *História do Museu Etnológico*, Lisboa, 1915, por J. L. de Vasconcelos, na pág. 421; o vol. I dos *Estudos Etnográficos*, Porto, 1947, pág. 17, por Augusto César Pires de Lima; ou, melhor ainda, o *Almanach Bertrand* para 1917 onde vem reproduzido um quadro de F. Gelli com uma risonha fiandeira a fazer girar graciosamente o fuso munido de um lindo cossoiro.

Parece-me, porém, que Santiago de Cossourado só teve este Padroeiro a partir da Reconquista. E o nome que a princípio teria o latifúndio depois erecto em freguesia, se não anda escondido em alguma leira ou bouça das cercanias, perdeu-se para sempre.

O que parece incontestável, em face da toponímia até hoje conservada, é que, no tempo dos Césares, um possessor romano, após a expugnação do povoado indígena do monte de São Simão, aproveitando talvez como agricultores os vencidos capazes de trabalhar, começou a estabelecer uma *villa* ou grande latifúndio de exploração agrária, hoje dividido em muitas parcelas ou quintas, herdades e veigas.

Estabeleceu-se no *Paço*, de *palatium*; cuidou do arvoredo e plantou castanheiros no *Souto*, onde recolhia a saborosa castanha e explorava madeiras para as suas construções; procedeu à irrigação das terras aráveis, mandando fazer o *canal* ou levada a passar em *Cal*; aproveitou para usos domésticos as águas de *Fontela*; preparou lavadouros públicos em *Levandeiras*, palavra formada por dissimilação de *lavandeiras*; e mandou abrir covas para determinadas árvores de fruto nas *Maceiras*, de *matianarias*, macieiras. Depois, como a população fosse crescendo, arroteou *Agrelo*, ou campinho, e *Quintela*, onde se deve ter estabelecido um filho segundo; e tratou de *Reborido* onde havia abundância de carvalhos, *robura* em latim.

Como se tudo isso não bastasse, tratou dos caminhos que haviam de ligar as diversas partes da sua *villa*, e fez da *Corredoura* a artéria principal.

Após a chegada dos Suevos e Visigodos, ter-se-á conservado a organização primitiva da terra. Não assim depois da desordem produzida em todo o Entre Douro e Minho com a invasão arábica. Parece até que uma família mourisca se estabeleceu em *Albagada*, topónimo que soa às línguas semíticas.

Durante a Reconquista foi a terra reorganizada e o Padroeiro do lugar, São Simão, cedeu o passo a Santiago.

XIII. O «CASTRO» DE BRUNHAIS

Nem todos os amáveis leitores, a não ser um ou outro mais amante da caça, terá percorrido as agrestes, mas pitorescas, aldeolas do Nordeste da Póvoa de Lanhoso. Constam dos mapas essas terras e eram já habitadas antes de Portugal nascer.

A toponímia de origem vegetal tem aí exemplares curiosos e talvez nem os habitantes da localidade hajam reparado nesses nomes.

Um deles é *Brunhais*, de *pruniales*, derivado de *pruna*, variedade de ameixa, de que fala Santo Isidoro de Sevilha.

Afim, segundo o sentido, deste topónimo, é *Anissó*, de *nixola*, diminutivo de *nixa*, outra espécie de ameixa igualmente referida pelo Autor das *Etymologiae*.

Nixa, ameixa miúda, pode até ser o étimo de *Lixa*, topónimo muito frequente no norte do País.

Há em Brunhais antiguidades dignas de nota, e até lá observei uma ara luso-romana a servir de pedestal a um cruzeiro.

Tudo isto e o aparecimento destas aldeias em 1059, no *Inventário das Herdades e Igrejas de Guimarães*, criou em mim o desejo de me lá dirigir e de trepar ao monte mais característico daquela zona.

Acompanhado de bons amigos, pusemo-nos a caminho na tarde radiosa de 27 de Julho de 1968. A encosta era a festo, mas a ânsia de atingir a cumeada dava ousio e redobrava as forças de harmonia com o ditado: quem anda ao gosto não cansa.

Abandonámos a viatura no sopé da montanha e lá fomos, nem sempre ao correr de caminhos e carreiros. Deparámos a revezes com grandes penedias que nos obrigavam a ir aos zig-zagues, mas não se merecem impunemente as honras de arqueólogo. Afinal, em menos de meia hora atingimos o circuito amuralhado. Percorremos aquelas paredes, velhinhas de muitos séculos e olhámos para as aldeias circunvizinhas. Do Norte, Anissó, briosas e bem posta, deixava-se observar sem vergonha nem falsa humildade; de Noroeste, Soutelo, ciosa do Santuário da Senhora da Lapa, ocultava-o cuidadosamente à nossa vista ávida e curiosa; de Leste, a Esperança que não será uma das virtudes teológicas, pois o *Inventário das Herdades e Igrejas de Guimarães* lhe chama «Villar Despanzo». Refere este documento «villas ambas Leiradelas», uma das tais Leiradelas de Brunhais e outra de Travaços (assim se deve escrever).

O número 57 da *Carta Militar de Portugal* chama Leira de Ela a

O DISTRITO DE BRAGA

cada um destes lugares, mas a forma *Leiradela* é uma palavra só, derivada de *Leirada* que também existe na toponímia portuguesa.

Depois de explorar o panorama, vá de nos pormos a examinar a estância arqueológica. Vimos algumas covas rupestres, a interrupção da muralha num ponto onde deverá ter sido uma entrada e, mais do que isso os sinais dum fosso dos lados de Oeste, onde faltava a defesa natural.

Tomei nota do lendário regional. Contou o devotado cicerone: Havia ali perto um pedregulho volumoso que dizia: — quem esta pedra virar terá muito que *contar*. Uns mancebos musculosos das redondezas, desejosos e precisados de *contar* boas peças de ouro, botaram mãos ao calhau e, depois de suarem a bom suar, conseguiram virá-lo do outro lado. Em vez de dinheiro, deparou-se-lhes a legenda: — quem esta pedra virou muito lhe custou ...

Tanto como isso já eles sabiam antes do infrutífero esforço.

Lendas como esta não são raras. No concelho de Fafe, na Serra do Merouço, no Monte de Santa Cristina da Agrela, mostraram-me um dia uma pedra assim. Quem quiser chuva, desce-a uns metros; precisando-se de sol, devem-na voltar para cima.

Estas lendas costumam andar ligadas a monumentos arqueológicos: acima da pedra de Santa Cristina há uma anta a que já falta a cobertura, e perto examinei uma cova rupestre que um agricultor da região afirmava ser o berço da Santa.

Ao Norte do «castro» de Brunhais, há um outro, referido no citado número 57 da *Carta Militar de Portugal*. A este nunca subi e foi pena.

XIV. O «CASTRO» DA SANTINHA EM AMARES

Quando passava, desde há decénios, à nobre e milenária *villa* de Amares — e inúmeras vezes o fiz —, nunca deixei de reparar no íngreme outeiro que fica a Nordeste. Olhando lá para cima, onde se erguiam umas paredes incompletas que de baixo semelhavam ruínas, ia dizendo cá para mim: — Aquilo, pela certa, foi um «castro» lá dos velhos tempos da proto-história.

Nunca, porém, se me proporcionava maré de lá trepar. Exumando, porém, uns apontamentos recolhidos em 1943, verifico ter-me lá deslocado a primeira vez em 12 de Agosto desse já longínquo ano da graça. Caminhava eu de automóvel, no sentido do santuário da Senhora da Abadia, acompanhado do saudoso e venerando Padre José Joaquim da Costa Azevedo, ao tempo Arcipreste de Amares, e foi esse ilustre e ilustrado sacerdote quem me animou a proceder dessa vez à escalada do monte. Mandou-me conduzir pelo motorista até onde o carro podia deslizar, e o resto tinha de ser e foi mesmo à custa das minhas limitadas forças naturais.

A subida não se fez sem custo, mas bastou a beleza do panorama desfrutado das alturas para compensar o alpinista improvisado das energias dispendidas na ascensão.

Não pude, já se vê, devido à escassez de tempo, examinar dessa vez tudo com a devida atenção, nem, conseqüentemente, extrair todas as conclusões a que costuma chegar quem examina com olhos de ver um monumento das nossas origens etnológicas.

Ainda assim, alguma coisa conclui já dessa vez: a eminência rochosa foi indubitavelmente um «castro». Bastaria para o confirmar a existência lá em cima de covas rupestres, algumas delas já bastante diluídas pela erosão eólica e pluvial. Restos de ciclópicas muralhas, que em tempos idos ligavam umas penedias às outras, vêem-se ainda por ali, apesar de os monteiros terem sido incansáveis na inglória faina destruidora. Os fragmentos de cerâmica antiga que por lá encontrei não eram tantos em número nem tão característicos que logo permitissem uma segura classificação. Bastava, porém, a sua existência, embora em quantidade reduzida, para nos sentirmos obrigados a pensar em habitantes pré-históricos, ou pelo menos proto-históricos daquelas alturas.

Tive pena de nada poder averiguar a respeito da história ou lenda da denominada «Santinha» por quem o monte é conhecido. Nem ao menos se conhece o nome de tal santa. Deve ser designação paralela

O DISTRITO DE BRAGA

à do Monte da Santa de Guimarães, de entre as freguesias da Selho (São Jorge), Gondar e Paraíso (São Miguel).

Sabe-se ao menos que essa Santa ou Santinha nada tem que ver com as paredes da capela que se viam cá de baixo.

Aquilo não se podia chamar ruínas; era, porém, uma obra incompleta, iniciada em 1919, depois do termo da Primeira Guerra Mundial, em honra de Nossa Senhora da Paz. Por motivos que não pude averiguar, não a puderam levar a cabo antes do fim dessa conflagração. Agora lá alveja no alto a linda capelinha de Nossa Senhora da Paz, erecta depois do último conflito. Tomando-se uma bem cuidada rampa que principia a subir pelas bandas de Sudoeste, é hoje fácil ir lá acima de automóvel. Foi o que eu fiz ainda há pouco tempo. Percorri aquilo tudo do meu vagar e pude não só confirmar as impressões de 1943, mas ainda observar elementos novos. Não reparara, por exemplo, no «fosso» que isola de Nascente o Monte da Santinha do espinhaço da serra fronteira. Depois duma mais cuidadosa busca, depararam-se-me mais fragmentos de cerâmica castreja e de louça ornamentada inconfundivelmente romana.

Vê-se por conseguinte que aquele outeiro, já habitado antes de Cristo, caiu depois nas mãos dos Romanos que dele fizeram uma base de ocupação regional. E assim se explica se tenha operado tão cedo a romanização daquela zona, facto este atestado pela toponímia dos arredores, e pelos monumentos e inscrições latinas que chegaram até nós.

O Monte da Santinha, de Amares, está votado à destruição. Constituído por boa, excelente, rocha granítica, deram com ela os empresários desse material, que diariamente de lá extraem esteios para ramadas, paralelepípedos para pavimentos de estradas, cantaria para construções de igrejas e de vivendas, etc., etc. Como está a acontecer ao Monte Castro, a Montariol, a Santa Eufêmia, à Curviã e a vários outros montes, vai-se desfigurando cada vez mais.

Que ao menos a capelinha da Senhora da Paz que abençoa quem passa na estrada ou moureja nas úberes campins das redondezas, seja preservada de cair em ruínas.

XV. O VELHO «CASTRO» DE SÃO TORCATO

É certo e sabido que, em geral, as eminências coroadas de velha igreja ou devota capelinha foram velhas povoações, *castros*, cujos habitantes, por qualquer motivo, mudaram de residência no decorrer dos tempos. É por isso que as obras de restauro ou ampliação de velhos santuários costumam revelar preciosidades arqueológicas, como sejam segmentos de muralhas antigas, arcos sepulcrais, aras votivas e alicerces de casas redondas, ovóides ou rectangulares.

Aconteceu isso em Lanhoso, em São Miguel de Vizela, em São João de Ponte, em Ronfe, na Franqueira, etc., etc. Capelinhas de Santos a servir de sentinela a velhos *castros* temo-las, por exemplo, em Briteiros, em Laundos, em São Julião, em Santa Marta, em São Miguel-o-Anjo, etc., etc.

O caso explica-se: esses velhos povoados possuíam um templo religioso onde se prestava culto a divindades pré-cristãs.

Veio depois o Cristianismo e o velho deus pagão cedeu o lugar a um Santo ou Mistério do novo credo religioso.

Aconteceu igualmente, como era natural, que o Santo cuja imagem fora instalada no sítio e em lugar do deus da mitologia possuísse a mesma especialidade curativa do substituído. Desta forma, os novos devotos continuaram a frequentar os mesmos lugares com o fim de obterem iguais favores. Por isso mesmo, Deus os desculpará de se continuarem a entregar, por vezes, a semelhantes práticas supersticiosas.

Tudo isto justifica a hipótese de o alto do monte onde há mais de mil anos floresceu o mosteiro de São Torcato, ter sido um «castro» da proto-história.

Efectivamente, quem do adro do novo Santuário, olha para o morro onde tomou assento a velha igreja paroquial, se é ao menos iniciado em Arqueologia, não deixará de dizer a sós consigo: ali foi um «castro».

Essa impressão ficou a Martins Sarmiento (1833-1899), que na página 225 de *Dispersos*, Coimbra, 1933, escreveu o seguinte: — «A sul de Gonça fica São Torquato. O morro onde foi construído o velho mosteiro, poderia muito bem ter sido um pequeno castro; mas nem há disso tradição, nem é fácil procurar-lhe os vestígios, porque quasi todos os terrenos estão em mão de particulares e vedados. A sudoeste do morro, no sítio chamado Arnado, fragmentos de louça e telha de rebôrdo não faltam. Segundo um informador, houve ali uma batalha de Mouros; mas o meu último *cicerone* ignorava esta tradição e só sabia que pelas pro-

ximidades da Fonte da Grêta tinha havido um antigo mosteiro, de que era prova a grande quantidade de tijolo que por lá se via. Houve com certeza por ali uma antiga povoação e olha-se sempre para o morro do mosteiro, como o bcal mais apropriado para a sua primitiva sede».

No tempo de Martins Sarmento, não se tinha ainda cavado a vinha do Arnado, onde apareceram interessantes vasilhas de barro. A meu ver, toda essa cerâmica e olaria sugere-nos que aí foi a necrópole do *castro*, do «morro do mosteiro». E, mais do que fragmentos dessa olaria por ali encontrada, me convencem da existência dum povoado cimeiro o relativo grande número de quelhas, algumas delas pavimentadas com grandes lajes, que do alto conduzem à planície. Essas quelhas, ou *quelhos* como lá se diz, devem ter sido, com a linda estrada principal, os arruados e vias de acesso à velha povoação.

Mas, como chamar «pequeno» ao primitivo *castro*? O cimo planáltico do outeiro é bem mais extenso do que à primeira vista parece, e o ponto mais elevado não é o adro da igreja: em posição mais cimeira fica o alpendre do Pinheiro e a vinha da Casa do Órfão. É preciso não esquecer que, além de vários quintais e dos jardins, vinhas, leiras e olivais da Casa do Órfão, se conserva ainda hoje lá em cima a parte urbana das quintas de Dentro, do Assento e do Pinheiro, não falando na igreja e dependências, da residência paroquial e de muitas habitações particulares.

Foram muitos os escritores que se ocuparam de São Torcato.

Restam-nos, por isso, trabalhos de valor como o *Couto de São Torquato*, pelo Abade de Tagilde (1853-1912), no vol. XV da «Revista de Guimarães»; e *São Torcato (Algumas Notas Dispersas)*, pelo Dr. Eduardo de Almeida, nos volumes 33 e 34 da mesma revista.

Compulsando-se a valiosa bibliografia existente, podem-se considerar averiguados os seguintes pontos:

- 1.º — Naquele monte característico, houve uma importante povoação na proto-história.
- 2.º — No período visigótico, talvez no tempo de São Frutuoso (656-665), século VII, foi ali fundado um mosteiro que durou até à invasão dos Mouros, século VIII.
- 3.º — Nos princípios do século XII, foi fundado um novo mosteiro, com igreja em estilo românico sagrada pelo Arcebispo São Geraldo (1096-1108).
- 4.º — Em 26 de Abril de 1173, Dom Afonso I (1128-1185) concedeu ao Mosteiro a carta de demarcação do Couto de São Torcato.

Sabe-se ainda que Ramiro II (913-951) das Astúrias concedeu ao Mosteiro de São Torcato as terras de Gominhões, São Cosme de Lobreira, Rendufe, Segade e Santa Lucrecia do Xisto.

XVI. O «CASTELO» DE BARBUDO

Lê-se no documento 644 do *Liber Fidei* que Nuno Soares, reinando nas Espanhas Afonso VI e sendo o Conde D. Henrique Governador de Portugal, doava esse, em 24 de Abril de 1101, à Sé de Braga a *villa* de Moure e o Mosteiro de Santo Antonino situado no sopé do Monte Barbudo.

O referido outeiro de Barbudo também é conhecido por Monte Brito, como afirma, com acerto, José Augusto Vieira, autor do *Minho Pitoresco*, a propósito de Moure. Barbudo foi o nome que ficou, mas a doação de 1101 já se intitula «*scritura testamenti Briti*», ou seja escritura do testamento de Brito, apesar de se não chamar Brito, mas Nuno, o generoso doador.

Tudo se explica se se considerar Barbudo o *conjunto* da montanha e Brito a *parte* da encosta onde foi edificado o mosteiro de Santo Antonino.

Qual a origem do nome Barbudo, não o posso agora dizer sem receio de erro. Talvez a vegetação abundante e fina que cobriria a cabeça do monte, como ornamentava as faces dos cavaleiros medievais.

O nome é antigo, pois já no século XII, pelo menos, havia a freguesia de Barbudo (Santa Maria) em que se incorporou a de Parada (Divino Salvador).

Como geralmente acontece em casos semelhantes, houve entre Homem e Febros nobres senhores medievais conhecidos pelo nome da terra que senhoriavam e por isso se chamaram Barbudos.

Falam efectivamente os antigos Nobiliários da linhagem dos de Barbudo, mas um dos manuscritos do denominado *Livro Velho* diz *Barvudo*, onde o comparsa de obra congénere, o Conde D. Pedro, que dele decerto se serviu, traz *Barundo*.

Quanto a mim, *Barundo* é má leitura do apelido *Barvudo*. Efectivamente bastaria uma caligrafia como a minha para se confundir o *n* com o *u* e com o *v*. De resto, para se ver que os *Barundos* são os *Barvudos* ou *Barbudos*, basta examinar as *Inquirições* de Dom Afonso III onde, em 1258, nos aparece, em Santa Maria de Barbudo, um «Johannes Gunsalvi Barvudo» que é, indubitavelmente, o «Joham Gomsalvez de Barundo» que o Conde de Barcelos diz segundo marido de D. Estevainha Pires de Anóbrega.

Deixando, porém, as enfadonhas genealogias, e fixemos as atenções nas velharias da terra.

Há em Barbudo pelo menos dois lugares que bem merecem as aten-

O DISTRITO DE BRAGA

ções dos arqueólogos. Um deles é o Castelhão; o outro, o Monte do Castelo.

Pelo lugar que ocupa e pelo carácter defensivo, podia o Castelhão ter sido um pequeno acampamento de soberania, *castra stativa*, da era romana. Domina uma rica e extensa várzea e não é de fácil acesso. Desce abruptamente de dois lados e apresenta nos taludes da encosta sinais manifestos de fortificações; dos outros dois lados, é isolado da montanha por fossos artificiais. Da parte menos defendida pela natureza, mostra ainda hoje, além do referido fosso, restos de uma potente muralha de aparelho ciclópico. No recinto fortificado, não se vêem à superfície alicerces de construções; mas deve-as haver debaixo da terra, pois aqui e ali aparece pedra semelhante à das habitações castrejas.

Mais notável é o Monte do Castelo. Podem-se ainda identificar ali duas e, em alguns pontos, três séries de muralhas defensivas; fragmentos de olaria topam-se por toda a parte, e no perímetro amuralhado abundam alicerces de construções circulares visíveis à superfície.

Várias vezes subira ao alto da montanha. Há cerca de vinte anos, fui lá mais uma vez, então na companhia do Padre Alberto da Silva Araújo, Rev.º Pároco da freguesia; e, depois dum exame mais ou menos minucioso, combinámos regressar os dois num dia aprazado, resolvidos a trabalhar a sério a ver se descobríamos coisa de jeito.

O dia escolhido foi a vigília do Apóstolo São Bartolomeu, 23 de Agosto de 1955. Parti à frente, a cavaquear com dois operários escolhidos e remunerados pelo referido colega; e atrás, distante de mim umas duas horas, seguia ele, o Abade, com um seminarista que não chegara, acho eu, a ser meu aluno. Como o lugar preciso do início das operações tinha já sido escolhido, começou-se o servicinho logo à chegada e o trabalho rendeu.

Escavou-se, muito propositadamente, no intervalo de duas casas circulares, descobrindo-se assim, ao mesmo tempo, sem nada se prejudicar, as paredes de ambas, uma das quais era levemente helicoidal e com as pedras unidinhas umas às outras que era uma maravilha. Uma dessas habitações castrejas tinha antecâmara, e dentro dela apareceu um pé de moinho manual e fragmentos das restantes peças doutro ou do mesmo. Além disso, pude examinar e fazer ver aos visitantes um lindo polidor e variadíssimos fragmentos de olaria, alguns ornamentados. É curioso notar que, embora a cerâmica da Falperra, até hoje aparecida, seja geralmente posterior à do Castelo de Barbudo, alguma é perfeitamente igual e por isso da mesma origem.

Por esta pequena amostra, bem se pode antever quanto se poderia descobrir no Monte do Castelo se ...

XVII. O «CASTRO» DE CHACIM EM REFOJOS DE BASTO

Na Quarta-Feira de Cinzas de 1950, aproveitando uma bem passada estadia na residência paroquial de Refojos de Basto, resolvi, na companhia de alguns amigos, um passeio de estudo à cidade de Chacim. Sabia já que não ficava perto nem era de fácil acesso a estância arqueológica; mas não faltavam na praça motoristas desejosos de ganhar a vida, e a jornada até ao povoado de Chacim bem se podia fazer, como se fez, de automóvel. E lá fomos uns quatro, além do condutor do veículo: eu (com o triste jus de ser nomeado em primeiro lugar); o saudoso Dr. Álvaro Dias, que heroicamente conseguiu guindar à cumeada da serra os cento e tal quilos do seu respeitável corpanzil; o Sr. Padre Joaquim Silva, encarregado de conseguir cicereiro entre os seus muitos conhecidos na localidade; e o Sr. Bernardino de Carvalho Ribeiro, um dos cronistas da passeata.

Saídos do auto, no lugar de Chacim, pus-me logo a explorar terreno e por via disso aproximei-me da capela de Santo Amaro e Santa Rita.

Estava debaixo do «cabido» a ver se lobrigava alguma data ou quaisquer indicações histórico-arqueológicas, quando percebi uma voz desconhecida a tratar-me pelo nome. Admirei-me de a pequenês do mundo permitir que alguém ali, em terra estranha, aonde me dirigia pela primeira vez, soubesse como me chamava, e correspondi ao amável cumprimento.

Postos em marcha, atacámos resolutamente a distância e o desnível do terreno. Pela minha parte — a verdade acima de tudo —, caminhava na dianteira e ia citando nomes de arqueólogos que nos precederam na escalada de tão agrestes culminâncias. E chegámos ao cimo sem nada de desagradável.

Tem aquele «castro» bastante de especial e singularidades já notadas por Martins Sarmento que por ali andou a calcorrear aquelas pedras na companhia do Padre Manuel Duarte de Macedo, ao tempo Abade de Sobreposta.

No espinhaço do monte, aproximadamente na direcção Nordeste-Sudoeste, corre uma extensa e larga muralha de aparelho poligonal ciclópico, que termina na parte sul em alcantiladas penedias de impossível acesso.

Do lado oposto, no sentido de Cambeses, a fortificação termina em ângulo agudo cujo vértice é constituído por penedos naturais.

O DISTRITO DE BRAGA

O casario primitivo não ficava na coroa do monte, mas, como era costume, na encosta, sobretudo na que olha a Sudeste, em socalcos cujas paredes são ainda divisáveis em muitos pontos.

Uma habitação circular, situada perto da calçada que conduz à fonte principal do velho *oppidum*, foi já explorada, não sei se por algum arqueólogo se por um desses pesquisadores de tesouros que às vezes aparecem para ruína das antiguidades.

Foi neste sítio que o Rev. Dr. Álvaro Dias encontrou um objecto de pedra polida, grande, mas difícil de definir. Talvez um *malleus*.

Covas rupestres, sobretudo circulares, abundam por ali, e algumas são ainda profundas de muitos centímetros.

Fragmentos de cerâmica, existem e são variados; e também aparecem carvões como aliás é de uso encontrarem-se nos *castros* luso-romanos.

Restos de *tegula* e de *imbrex*, vêem-se também por ali a cada passo, sinal manifesto de lá ter chegado a romanização.

Foi de manhã a escalada do monte, e a hora do almoço não me permitiu a visita à «campa dos Mouros», que me disseram em Chacim ser muito além, já nas proximidades de Cambezes. Fala Martins Sarmiento de duas, uma das quais rupestre.

Era esta coberta com uma laje que, pela sua forma e disposição, parecia constituir um todo único com o penedo que estava sobreposto. Era, conseqüentemente, parecida com a «sepultura do frade» em Chelo, Gerês.

Foi um feliz acaso que fez descobrir a pia sepulcral que estava debaixo, bem como as tampas dos dois monumentos, tanto a da sepultura rupestre como a do outro. Ambas se perderam depois de partidas.

Uma e outra dessas sepulturas terão sido de magnates, e muitas mais por lá terá havido ou haverá ainda, embora se não conheça o paradeiro delas.

Quem sabe até se em alguma houve outrora estátua fúnebre a perpetuar a memória de importante personagem ali inumada.

Com efeito, José Leite de Vasconcelos, no volume III de *Religiões da Lusitânia*, e o nosso Martins Sarmiento, em *Dispersos*, Coimbra, 1933, pág. 169, aventam a hipótese de «o Basto» ter vindo do referido monte da cidade, sobranceiro a Chacim. Terá sido, pois, a representação iconográfica de algum dos guerreiros sepultados em qualquer das denominadas «campas dos Mouros» de que resta memória. Desta maneira o guerreiro de Refojos de Basto terá uma idade que o faz remontar a alguns séculos antes de Cristo. Fica assim sepultada a lenda, aliás morta há muito tempo, do «até aqui basto eu», mas cresce muito em dignidade e nobreza a figura do herói da ponte de Refojos, que os Bastenses de há muito se habituaram a considerar como o seu epónimo bem querido.

XVIII. PENAFIEL DE SOAS

Do Sameiro, de Vieira do Minho, de Bouro e de várias outras partes, vê-se ao longe um monte de forma cónica com uns grandes penedos lá no cimo a branquejar de cal alvíssima em cada ano renovada. Dá-lhe o povo das cercanias nomes diversos que vão de Monte de S. Mamede a Monte do Castelo e a Monte de Penafiel.

É velha de novecentos anos a última designação, pois o inventário das igrejas e herdades de Guimarães, organizado em 1059, inclui nessa enorme lista, no sopé de Penafiel «ad radice Penafiel», a vila de Parada com a igreja de S. Julião e suas pertenças, segundo os limites *antigos* e incluída a igreja de S. Romão.

Não pode haver dúvida de que a referência é ao Monte de S. Mamede, pois a freguesia de Parada de Bouro, «*villa Parata et ibi ecclesia vocabulo Sancti Juliani*», ainda hoje venera S. Julião como Orago e se estende ao rio Cávado, «*ad hanc parte Catavo*», até ao visó do Monte; e, além disso, a vertente oposta, onde se ergue a ermida de S. Mamede, pertence ainda hoje a Frades, «*villa de Frades*» no documento.

Temos conseqüentemente já em 1059, quando Portugal não nascera ainda, o registo oficial do Monte de Penafiel de Soas.

Em 1220, ano das Inquirições de Dom Afonso II (1211-1223), aparece-nos Penafiel de Soas como sede duma «terra» ou concelho de oito freguesias: S. Tomé da Caniçada, S. Romão (hoje Santo André) de Frades, Santo André de Friande, S. Martinho de Soengas, S. Pedro de Cerzedelo (hoje Igreja Nova), S. Martinho da Ribeira de Soas (hoje Ventosa), S. Pedro de Fornelos (hoje incorporada em Louredo) e S. João da Cova. Trata-se de freguesias que cercam o monte de S. Mamede quase por completo.

Foi a estância habitada desde eras remotíssimas, e o arqueólogo capaz de percorrer a montanha dum extremo ao outro e em várias direcções, examinando cuidadosamente quanto ainda hoje por lá se puder descobrir, poderá ampliar muito os conhecimentos fornecidos pela história local propriamente dita.

Subi lá vezes sem conta, a começar nos velhos tempos em que o único meio de condução, para quem não fosse capaz de cavalgar, era o uso metódico e vagaroso dos membros inferiores. Hoje, com a linda estrada pavimentada a cubos que para lá sobe, é um regalo, sem ser por penitência, ir visitar Nossa Senhora de Lurdes e o milagroso S. Mamede.

O DISTRITO DE BRAGA

Como é meu costume, deambulei por ali fora em várias direcções e tomei apontamentos de cada vez que lá fui.

Naqueles agrestes rochedos, examinei reveladoras covas rupestres e parte do monte virada a Sudeste. Pude observar um extenso arco duma muralha castreja cujas extremidades se vão ligar, dum e outro lado, a rudes penedias; e, no recinto circuitado por esses penedos, vê-se agora a descoberto uma característica casa circular onde apareceram dois pés de moinhos manuais.

Fragments de cerâmica castreja de variadas formas e idades abundam por ali. Na sacristia da capela de S. Mamede, viam-se numerosos fragmentos de telhas romanas e algumas *tegulas* inteiras.

Quando se abriu a estrada por onde se sobe a S. Mamede, deparou-se aos trabalhadores, na planura das Cancelas, uma sepultura de incineração cuja urna se pode ver e examinar na secção de antiguidades romanas do Museu dos Biscainhos. As cinzas aí encerradas eram incontestavelmente dum individuo do sexo feminino.

Talvez pergunte algum leitor como se podem distinguir as cinzas duma mulher das dum homem. Responde-se que os antigos, tanto os Romanos como outros povos, depositavam nas sepulturas alguns objectos usados em vida pelas pessoas cujos restos mortais ali se conservavam. Ora junto da urna cinerária aparecida na encosta do monte de S. Mamede, estava um *cossoiro* ou volante de fuso de roca; e naquele tempo, como ainda hoje, só as mulheres manejavam a roca e respectivo fuso.

Pelo que pessoalmente vi e examinei e acabo de referir, posso afirmar a existência de Celtas e Romanos no alto de S. Mamede, e deve-se considerar certo que lá viveram igualmente Suevos e Visigodos.

Na encosta virada a Nordeste, na Chã de Loivos, no prédio rústico denominado *Vila Monteiro*, dizem-me terem aparecido alguns tijolos, nem todos inteiros. Não os vi, nem, por isso, me é possível classificá-los, mas tanto podem ser romanos como já visigóticos.

No adro da capela de S. Mamede, há uma sepultura rupestre, cavada na rocha, antropomórfica e de forma trapezoidal. Vê-se por isso que não é romana, mas, provavelmente, visigótica ou já neogótica.

Na doação de Mumadona (926-981), fala-se de *limites antigos* que já o seriam quando a célebre Condessa os adquiriu, por compra ou por herança, no século X, e isso leva-nos a concluir a organização dessas *villas* ou freguesias pelo menos no tempo visigótico.

Não consegui averiguar onde ficaria o lugar preciso do castelo medieval, sede da *Terra* referida nas Inquisições de Dom Afonso II (1220). Era decerto o cubo granítico central de que se desprenderam já alguns blocos que por lá se vêem como se fossem grandes talhadas dum pudim cimeiro.

Quando deixou o monte de ser habitado, também não é fácil de saber. Talvez antes do Século XVI. É que Dom Manuel (1495-1521), em 16 de Julho de 1515, concedeu foral ao concelho de Ribeira de Soas que ficou a compreender as mesmas freguesias da *Terra* medieval de

TREPANDO AOS MONTES

Penafiel. A sede passou então para a Caniçada, *villa* situada entre o rio Cávado e o monte de S. Mamede.

Foram senhores donatários deste concelho, como descendentes da famigerada Ribeirinha, os Condes de Unhão. Foi o terceiro Conde, Fernão Teles de Meneses, quem mandou erguer o pelourinho ainda hoje existente em várias das suas partes, mas com uma peça em cada lado. Pior aconteceu ao contemporâneo de Parada de Bouro, igualmente dos Condes de Unhão: o capitel, que ainda vi há pouco tempo na freguesia, foi vendido a um antiquário de fora do Distrito.

No tempo do Rei Venturoso, já a velha igreja de S. Romão de Frades, outrora situada no alto do monte de Penafiel, tinha caído; e os serviços religiosos funcionariam já, como ainda hoje, na igreja de Santo André, construída no lugar da Rua por onde passava a via romana de Braga a Chaves.

Não sei quando terá principiado no alto de Penafiel a devoção a S. Mamede, mártir de Cesareia. Leio, é certo, numa lápide de mármore na igreja lá de cima:

«O Benfeitor / Lino António Vieira de Brito / da Casa da Torre / d'esta freguesia de Frades / mandou fazer a capella mor deste Sanctoário / começaram as obras a 10 de Setembro de 1900 / e acabaram a 10 de Julho de 1907».

Isto, porém, refere-se a uma reconstrução relativamente recente, pois a primitiva ermida de S. Mamede é antiga de muitos séculos. Devem-lhe ter pertencido umas pias hemisféricas, ornamentadas, que hoje se vêem na capelinha de Nossa Senhora de Lurdes.

Hoje o alto de S. Mamede é um lugar aprazível, com acesso excelente, distribuição de água potável, miradouros admiráveis e arborização amena e verdejante. Isso se deve à tenacidade e energia inquebrantável do Padre José Joaquim Dias, que, como ninguém, soube reunir boas vontades, bater oportuna e inoportuna à porta de quem o pudesse ajudar; e, sem desânimos nem desfalecimentos, nunca recuava diante de dificuldades.